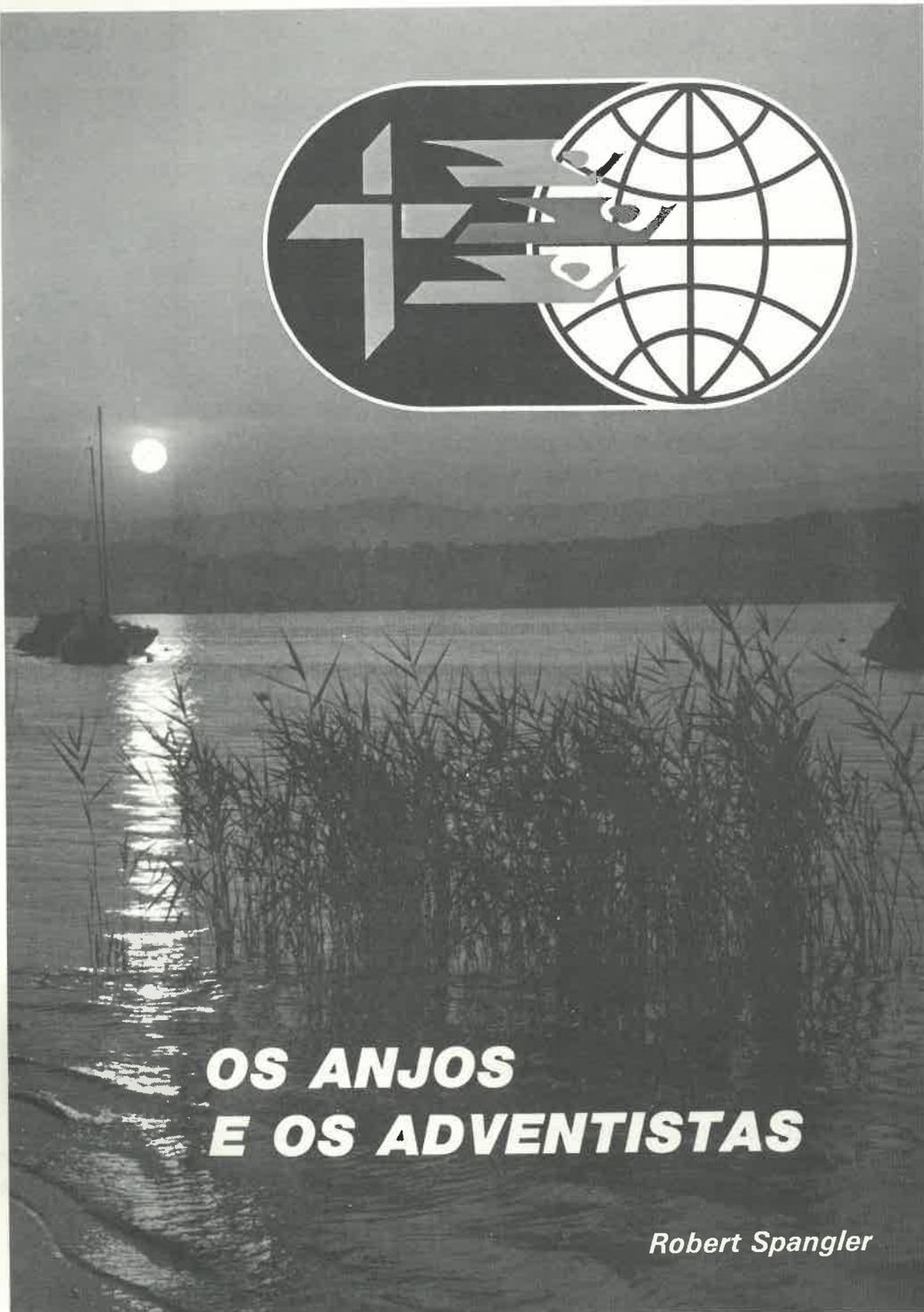
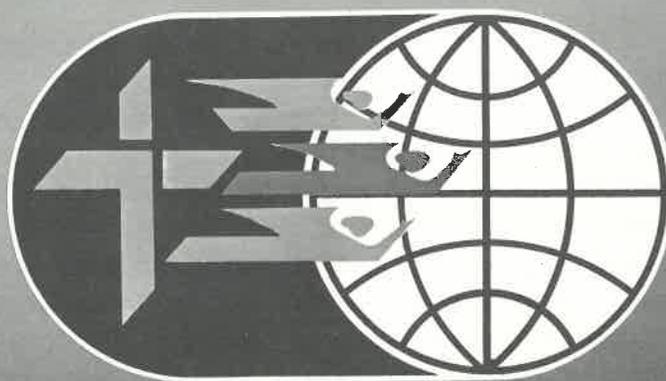


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

FEVEREIRO/1984

Semana
de Oração
dos Jovens
18 a 25 de
Fevereiro
1984



OS ANJOS E OS ADVENTISTAS

Robert Spangler

Indicações sobre o Pastor Robert Spangler, autor das Comunicações da Semana de Oração da Juventude

O autor das Leituras da Semana de Oração da Juventude é o Pastor Robert Spangler.

Robert Spangler nasceu em Dayton, no Ohio, Estados Unidos, e ali frequentou a escola primária da Igreja. A seguir estudou nos colégios denominacionais Mount Vernon Academy e Broadview Academy. Mais tarde, após estudos nas Faculdades Adventistas do Columbia Union College e Southern College, obteve o bacharelato em 1943, em plena Guerra Mundial. Foi então trabalhar como pastor-evangelista, foi professor de Bíblia e preceptor dos rapazes na Forest Lake Academy. Uma última etapa de estudos levou-o ao Seminário Teológico Adventista, a nossa Universidade de Teologia, onde obteve o Mestrado.

Bob, como este pastor é conhecido, casou com Marie Claytor. Têm duas filhas: Patrícia e Linda Spangler. Ele e sua família trabalharam oito anos na Divisão do Extremo-Oriente. Em 1962, ele veio para a Conferência-Geral como assistente da Associação Ministerial, tendo assumido as funções de director deste Departamento em 1980.

O Pastor Robert Spangler é também o director de *Ministry*, uma revista destinada ao corpo pastoral adventista, mas que agora está também sendo enviada a clero não-adventista: perto de um quarto de milhão a recebe regularmente. O projecto de contactar todo o clero activo nas suas próprias casas é um dos mais emocionantes e desafiantes em que o Pastor Spangler já participou.

O seu maior objectivo é ajudar o povo a compreender a missão especial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a qual é exaltar a Cristo perante o mundo, no contexto das mensagens dos três anjos.

Pensamento do mês:

«Os jovens firmes em Cristo podem rir-se abertamente e livremente». — F. C.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Fevereiro 1984
Ano XLV • N.º 449

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:



Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, lote 18
2685 Sacavém Codex
Telef. 2510844

PREÇOS:

Assinatura Anual	350\$00
Número Avulso	40\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

DEPÓSITO LEGAL N.º 2705/83

10 Pontos para Incentivar o Trabalho com os Jovens

Prezados Irmãos:

Se o «Senhor designou a Juventude para ser a Sua mão ajudadora» (Testimonies, vol. VII pág. 64), a Igreja tem a responsabilidade de proporcionar os meios para que essa ajuda se torne uma realidade.

O mundo, em todas as suas actividades, coloca em primeiro lugar a Juventude. São eles que vão à frente, na paz e na guerra.

Será necessário, pois, que a Igreja se organize de tal maneira que possamos aproveitar os talentos extraordinários que estão concentrados, e por vezes improdutivos, na nossa Juventude.

É muito conhecida esta citação de E. G. White: «Com tal exército de obreiros como a que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo (Educação, pág. 271).

Será que realmente não acreditamos na veracidade destas palavras?

Se a igreja se organizar, se a juventude se dispuser, tenhamos a certeza que grandes coisas o Senhor fará.

Citamos em seguida alguns pontos sobre os quais deveriam organizar-se as actividades dos jovens nas Igrejas:

1. Ressuscitar as reuniões de jovens organizando-as de maneiras diferentes,

como colóquios, debates e integrando os jovens, segundo as suas capacidades nestas reuniões.

2. Organizar os Clubes de Tições e Desbravadores mas dando-lhes um cariz evangélico. É necessário que as actividades destes grupos possam levá-los a uma colaboração mais estreita em todas as actividades da Igreja.

3. Organizar retiros espirituais para os jovens, em fins de semana, nas férias. Buscar levar os jovens a uma experiência mais profunda com Cristo.

4. Organizar encontros de preparação matrimonial. Os problemas que enfrentam os jovens casais são tantos que deveríamos dar elementos aos nossos jovens que os ajudassem nesta experiência natural da vida.

5. Organizar actividades físicas para os nossos jovens, para o conjunto de várias igrejas em que os jovens, rapazes e meninas, possam ter actividades que ajudem o seu desenvolvimento físico e a sua distração dentro do ambiente da igreja.

6. Procurar incentivar o trabalho missionário em lugares novos feito por equipas de jovens. Em igrejas pequenas, em grupos, nas ilhas, etc.

7. Procurar levar os jovens a prepararem-se para pastores, professores, médicos, enfermeiros, colaborarem no obra da Igreja. É necessário que novos porta-estandartes surjam.



8. Procurar levar os jovens a colaborarem activamente nas actividades das Igrejas dando-lhes cargos nas igrejas. É necessário que o seu entusiasmo, a sua dedicação seja aproveitada pela Igreja.

9. Procurar com todo o amor ajudar os jovens nas suas lutas, nos seus problemas, nas suas dificuldades, orando com eles.

10. Organizar as Escolas Bíblicas em todas as igrejas onde os jovens que não frequentam as nossas Escolas possam receber a educação bíblica indispensável.

Qualquer destes pontos necessita da colaboração da Igreja, dos pastores e, também, da família. É necessário que os pais incentivem os jovens, colaborando com a Igreja.

Nesta semana de oração especial, dedicada aos jovens deveria buscar-se os jovens que andam um pouco frios, mais afastados e trazer, com um programa equilibrado, novos jovens para a Igreja.

A mão ajudadora da juventude poderá trazer grandes bênçãos para a Igreja se for devidamente acarinhada.

J. Morgado

O TEMPO AMADURECERA

Há alguns anos atrás os jornais noticiaram uma história quase inacreditável. Em 7 de Dezembro de 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, tropas japonesas atacaram a pequena ilha de Guam, de cerca de 83 Km² de superfície, que se encontra como uma rocha isolada no meio do oceano Pacífico. Cinco dias mais tarde arrebatarem-na do domínio americano e tornaram-se os seus novos senhores. Em 21 de Julho de 1944, as tropas dos Estados Unidos recapturaram Guam. Centenas de soldados japoneses, recusando render-se, esconderam-se nas cavernas e áreas florestais. Durante meses após isso soldados japoneses eram encontrados continuamente e feitos prisioneiros, os quais vieram a ser libertados no final da guerra.

Numa manhã cedo em 1960 um nativo da ilha foi ao seu quintal, atrás da sua casa, e notou um ser humano, coberto de farrapos, a trepar um coqueiro. No chão havia outro ser humano, igualmente coberto de farrapos, que ao ser surpreendido fugiu para a floresta. O nativo chamou os seus vizinhos os quais em pouco tempo capturaram ambos os estranhos seres humanos. Estes estranhos seres humanos, esfarrapados, de cabelos muito compridos, com cicatrizes de ferimentos no corpo, eram soldados japoneses. Grande surpresa se espalhou por toda a ilha perante o facto de dois homens se terem escondido durante quinze anos após a guerra ter terminado. Tentaram persuadir estes dois homens de que a guerra havia terminado e que se havia obtido a paz entre o Japão e os Estados Unidos da América. Disseram-lhes que podiam agora regressar ao seu país e viver de novo com as suas famílias. Os soldados recusaram teimosamente acreditar no que ouviam.

Não os podemos criticar por causa da sua descrença, pois não tinham eles vivido sob as condições mais miseráveis durante 15 longos anos após a guerra haver terminado em 2 de Setembro de 1945? Durante 15 anos eles haviam vivido nas matas infestadas de mosquitos e percevejos de Guam. Durante 15 anos haviam vivido mais como animais do que como seres humanos. Porque haveriam eles de ter vivido sob tais circunstâncias de medo e de terror *uma vez que a guerra já tinha acabado?*

Os homens foram lavados, alimentados, e vestidos com novas roupas. Mas a sua descrença levou-os a pensar que isto era apenas um método especial de tortura — que a morte logo se seguiria! Repetidas vezes lhe foi assegurado que muito em breve estariam de volta a casa no Japão — o novo Japão — mas a sua única resposta era de total descrença.

As autoridades da ilha foram tão longe como conseguir que uma irmã de um deles lhe telefonasse, via rádio, numa tentativa de o persuadir a crer a verdade, de que a guerra havia terminado. Ele negou o facto de ser essa a voz da sua irmã. Classificou isso como outro laço para a tortura antes da morte. Finalmente voaram para Tóquio num jacto moderno. Imaginai quão pasmados e surpresos eles ficaram quando caíram nos braços dos seus entes queridos. Que volta ao lar foi esta!

Tenho pensado várias vezes nestes dois homens e como eles se terão sentido depois de terem regressado a casa. Pensais que eles terão lamentado os 15 terríveis anos que perderam naquelas matas? Pensais que se sentiram enojados ao pensarem nos 15 terríveis anos de vida sob condições desesperadoras, quase suicidas, quando poderiam ter estado confortavelmente salvos em casa? Pensais que eles alguma vez se tenham sentido perturbados ao pensarem que estiveram ignorantes do facto de que havia sido declarada a paz entre o Japão e a América e que levou 15 anos até que eles o soubessem?

Há Algum Paralelo Hoje?

Há multidões que estão vagueando nas matas do pecado, vivendo sob condições horríveis no cativo do terror e da culpa não sabendo que foi declarada a paz entre Deus e o homem através do Senhor Jesus Cristo. Não conhecem a mensagem de salvação somente pela fé! Não sabem que nosso Senhor está para pôr em breve fim ao pecado e à morte a quando da Sua vinda. Nunca ouviram ou compreenderam a benéfica mensagem Adventista para estes últimos dias. A descrença reina de modo supremo nos corações de multidões enquanto a ignorância impede outros de obterem um conhecimento do Salvador. Lamentavelmente, mesmo muitos na nossa igreja não têm uma compreensão clara das três mensagens angélicas que restauram no homem as verdades revigoradoras que têm sido ignoradas ou pervertidas através dos séculos.

Seis Ingredientes Dignos de Nota

Deus sempre planeia o surgimento de movimentos religiosos especiais quando o mundo está amadurecido para eles. Jesus veio ao mundo no momento oportuno. Noé construiu a arca no tempo oportuno. João Baptista começou a pregar a mensagem adequada, no tempo oportuno preparando o

caminho para o primeiro advento de Cristo. Deus sabia que a Mensagem do Segundo Advento se espalharia rapidamente através de toda a Terra quando as condições mundiais o permitissem. Como estava o mundo preparado para a Mensagem do Advento? Notai seis condições mundiais que existiam imediatamente antes de 1844:

1. *Liberdade* — Existia liberdade política, religiosa e intelectual como nunca houvera antes. *Agitação* e *reforma* eram as duas palavras-chave. A recém-adquirida independência da América abriu portas de liberdade política noutras áreas do mundo.

2. *Criação de Publicações Religiosas* — Liberdade de falar e de imprensa asseguraram o êxito de periódicos e jornais quer seculares quer religiosos.

3. *Educação Massiva* — A educação foi tornada possível a todos. Pessoas educadas podiam melhor compreender as verdades de Deus.

4. *Avanço da ciência, especialmente na área das viagens e comunicações* — A explosão fantástica do avanço científico ajudou a acelerar a proclamação da mensagem de Deus ao redor do mundo. Antes de 1800 não havia barcos a vapor, caminhos de ferro, telégrafo, telefones, luz eléctrica, cabos submarinos, eléctricos, máquinas de escrever, impressoras rápidas, máquinas de composição tipográfica, filmes movimentados, aviões, rádios ou automóveis. Como a explosão duma garrafa de espumante, as invenções espumaram e estenderam-se rapidamente por toda a terra. A profecia de Daniel equacionando o tempo do fim com o aumento da ciência estava sendo cumprida.

5. *Reavivamento espiritual generalizado* estendeu-se através do mundo cristão, particularmente nos Estados Unidos, tornando assim as pessoas receptivas à Mensagem do Advento.

6. *Sociedades Missionárias Estrangeiras* — Abriam-se, significativamente, portas missionárias estrangeiras. Antes de 1798 não havia virtualmente quaisquer organizações missionárias estrangeiras, Sociedades Bíblicas, Sociedades de Tratados ou panfletos, Uniões de Escolas Dominicais ou centros de treino.

Nove Anos de Trabalho Intenso

Volvamos atrás a um Sábado de manhã, 13 de Agosto de 1831. Um agricultor, de nome Guilherme Miller, havia estado a estudar intensamente as Escrituras durante um certo número de anos. Surpreendentemente, Miller havia sido um céptico, e o seu cepticismo levava-o a estudar a Bíblia sem quaisquer ajudas a não ser uma Concordância. Mediante este estudo intensivo, ele estudou com afinco a profecia dos 2 300 anos e chegou à inalterável conclusão de que a vinda de Cristo estava às portas.

Na manhã desse Sábado específico, ele levantou-se da sua secretária com a sua mente sob profunda convicção. As palavras: «Vai conta isso ao mundo» Pareciam perfurar os seus ouvidos. Era tão real e impressivo que ele se sentou e exclamou: «Não posso ir, Senhor».

Pareceu-lhe ter ouvido a pergunta: «Porque não?»

A resposta do coração de Miller era: «Sou muito velho; não sou um pregador; não tenho treino algum».

Mas a voz da convicção continuou, e ele prometeu ao Senhor que iria pregar se Ele lhe abrisse o caminho.

Então uma voz parece ter perguntado: «Que queres dizer com as palavras 'abrir o caminho'?»

Nesta altura Miller fez um contrato o qual ele lamentou, pelo menos durante algum tempo. Ele prometeu que se recebesse um convite para falar em público em qualquer lugar, ele consideraria isso como uma abertura do caminho. Após ter feito este acordo, sentiu-se aliviado.

Miller não tinha a mínima ideia de que pudesse vir a receber um tal convite. Além disso, ele estivera estudando por quase 15 anos, e não recebera qualquer pedido durante esse período de tempo. Porque haveria de receber um agora? Mal imaginava ele que nesse preciso momento o seu sobrinho estava a caminho, numa cidade ali perto, com um convite para que ele apresentasse aos membros da igreja Baptista os seus pontos de vista acerca da segunda vinda de Cristo.

Quando recebeu esta mensagem, este agricultor, estudante da Bíblia, ficou muito perturbado com o contrato que havia feito há apenas meia hora. Miller escreveu: «Rebelei-me uma vez mais contra o Senhor, e decidi não ir». Sem dizer uma palavra saiu de casa e foi para um bosque de bordos para ali orar, mas quanto mais orava, mais profunda se tornava a convicção: «Vai e conta isso ao mundo».

No dia seguinte apresentou fervorosamente à pequena igreja Baptista um sermão sobre a segunda vinda de Cristo. A igreja por seu lado insistiu que ele continuasse os seus estudos por toda a semana, o que ele fez. Ao regressar a casa, encontrou uma carta com outro convite para pregar.

Seguiram-se sermões às centenas em rápida sucessão em igrejas Baptistas, Metodistas e Congregacionalistas. Em 1834, Miller dedicou todo o seu tempo à pregação. Em 9 anos de trabalho intenso ele pregou para cima de 4 000 sermões, uma média de 445 por ano, ou seja mais de um por dia. O seu ministério abrangeu 500 cidades e vilas.

Este foi o começo da história de um dos mais poderosos movimentos religiosos que jamais scadiu a América. Nós agora conhecemo-lo como Movimento do Advento, do qual a Igreja Adventista é uma parte definida. Foi um despertamento religioso que, se as igrejas cristãs da América o tivessem atendido e seguido, haveria mudado completamente a história. Cristo já teria vindo há vários anos. Quão repetidas vezes tem a raça humana viajado por atalhos devido à sua descrença e rebelião!

Não uma Voz Sozinha

A Igreja Adventista não teve o seu começo como uma voz sozinha e independente. Algumas pessoas perguntam: Onde começou a sua igreja e quem

a fundou? É difícil responder a esta pergunta porque, quando começou o Movimento Adventista, pessoas de várias igrejas, tais como Luterana, Baptista, Congregacional, Presbeteriana, e mesmo Católica Romana, faziam parte deste poderoso despertar religioso. De facto, Guilherme Miller era apenas um dos mais de oitenta homens que em mais de uma dúzia de países, localizados em quatro continentes, ensinavam e acreditavam que o fim da profecia dos 2300 anos terminaria entre 1843 e 1847. Por conseguinte, o Movimento do Advento não constitui uma voz sozinha, mas um coro colossal formado de pessoas de muitos países e denominações, que cantavam a mesma canção: Cristo vem; o fim de todas as coisas está às portas!

O Adventismo nunca começou como uma denominação separada. Foi um movimento designado por Deus para varrer a terra, um movimento destinado a combinar e unir todos os verdadeiros cristãos num programa de preparação para encontrar Cristo a segunda vez. Além disso, «a compreensão da esperança da segunda vinda de Cristo é a chave que abre toda a história que segue, e explica todas as lições futuras.» — *Evangelismo*, pág. 220. Tivesse o Movimento do Advento obtido êxito como Deus pretendia que obtivesse, teria prevalecido um verdadeiro espírito ecuménico.

**Prezados jovens, tomai tempo
com Deus para estudardes e
compreenderdes porque sois o que
sois e permiti que o mundo
o saiba!**

Ao progredir o Movimento do Advento, numerosas igrejas franquearam as suas portas à pregação da doutrina da segunda vinda de Cristo. Mas chegou um tempo em que a inveja e o preconceito fecharam muitas destas portas. Multidões recusaram escutar a gloriosa verdade do retorno de Cristo. Os crentes do Advento que continuaram a crer na breve vinda de Jesus foram expulsos das igrejas. Isto aconteceu também a Ellen G. White e aos seus pais. Apesar da rejeição da parte das igrejas populares, o número de crentes no Advento cresceu até se tornar um vasto exército Cristão.

A população total dos Estados Unidos era apenas de 17 milhões naquele tempo. Imaginai o impacto de 130 Congressos Campais realizados durante os Verões de 1843 e 1844, com uma assistência calculada entre 500 000 e 1 000 000 de pessoas ou a possibilidade de cerca de 1 em cada 20 pessoas nos Estados Unidos terem assistido a estes congressos. Pro-

porcionalmente, isto excede em muito o que temos feito actualmente na América ou qualquer outro país. Foi o mais vigoroso, se não o maior, reavivamento religioso que a América jamais conheceu.

Carvalhos de Bolotas

Ao interpretar a profecia dos 2.300 dias, os Adventistas ensinaram energeticamente que o fim do mundo ocorreria em 22 de Outubro de 1844, quando Cristo apareceria para reclamar os Seus. Os seus cálculos sobre o tempo estavam certos, mas estavam errados quanto à interpretação do acontecimento. Antes desse dia havia entre 50 a 100 mil crentes Adventistas. Mas quando Cristo não apareceu no dia apontado, a grande maioria renunciou à sua fé. O resto dividiu-se em 3 grupos:

1. *Extremistas*, que repetidamente apontavam tempo para o fim do mundo e a vinda de Cristo. Finalmente ficaram reduzidos à insignificância.

2. *Grupo «Status quo»*, que continuou na fé Adventista, mas recusou avançar na luz, e diferia muito pouco das outras igrejas em crença e acções.

3. *Precursores dos Adventistas do Sétimo Dia*, um grupo de cerca de 50 que cria fervorosamente que a sua experiência provinha de Deus. Concluíram que o elemento tempo estava correcto mas que a interpretação do acontecimento estava errado.

Os pequenos começos não devem ser ignorados! Carvalhos de bolotas — montanhas removidas pelo fraccionamento de átomos, — um sol radioso anunciado pelos pequenos raios da alvorada — que o mundo havia sido advertido e uma multidão de pessoas ganhas para Cristo por uma bem insignificante companhia de cristãos conhecidos por Adventistas!

Não me sinto envergonhado do grande desapontamento de 22 de Outubro nem dos nossos primeiros passos vacilantes após o desapontamento. Tivesse Cristo começado a igreja cristã nos nossos dias, quão completamente fraca e destituída de importância o mundo a teria considerado! «Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; ... para que nenhuma carne se glorie perante Ele.» I Cor. 1:27-29.

Não há nada sem importância nos movimentos de Deus na história. Isto é especialmente verdade acerca de nosso Senhor começar um movimento destinado a culminar o Seu programa de salvação para a terra. Cada grama do plano irado de Satanás está focado nos nossos dias. Mas Deus colocou em marcha um programa não apenas para resistir aos ataques do inimigo, mas também para iniciar um contra-ataque.

Ó prezados jovens, não vendais por baixo preço o Movimento do Advento na vossa mente. Não o menosprezeis pelas vossas acções. Nunca o depreciéis pela vossa ignorância! Não permitais que os ataques cépticos contra a nossa igreja vos tornem duvidosos. Em vez disso tomai tempo com Deus para estudardes e compreenderdes porque sois o que sois e permiti que o mundo o saiba!

NENHUMA COINCIDÊNCIA

Já alguma vez observastes pessoas a saírem das suas igrejas num Domingo de manhã e vos tendeis perguntado a vós mesmos, porque sou um Adventista do Sétimo Dia? Donde vêm todas estas igrejas? Porque começámos outra igreja? Que justifica a nossa existência? O que tem a minha igreja a oferecer que nenhuma outra igreja tem? Que diferença faria se eu me unisse a qualquer outro grupo?

Estas são perguntas legítimas, e merecem uma resposta directa. Esta série de mensagens tem por objectivo isso mesmo, dar-vos uma resposta directa.

Uma das principais distinções entre a nossa igreja e outras encontra-se no capítulo 14 de Apocalipse. Todos temos ouvido repetidas vezes as palavras familiares «três mensagens angélicas». Estais apercebidos de que nenhuma outra igreja no mundo, no passado ou no presente, jamais interpretou e pregou estas três mensagens numa base global? Não é este um ponto poderoso que deveria estabelecer a nossa fé no Movimento do Advento como o apelo especial de Deus na hora final da história? Este é apenas um entre muitos factos únicos e significativos que justificam a existência da nossa igreja.

Ora, se eu fosse apenas um leitor casual mas interessado da Bíblia e chegasse a estas palavras de Apocalipse 14:6 — «a toda a nação, e tribo, e língua, e povo» — sentiria de imediato que não obstante o significado desta mensagem, uma coisa é certa: ela é para *todo o mundo*. *Ninguém é deixado de fora*. *Que ela é uma mensagem de gigantesco envolvimento mundial*.

Estes poucos pensamentos não conseguem possivelmente fazer justiça ao escopo e profundidade das três mensagens angélicas. Incito-vos a começardes a estudar a história dos começos da nossa igreja. Depois examinai as Escrituras e o Espírito de Profecia sobre pontos relativos à hora do juízo. O vosso estudo dar-vos-á uma clara concepção dos propósitos e objectivos da Igreja Adventista.

O Ouro Não Está Pendurado em Árvores

É fácil sentir que estas profecias são demasiado profundas para serem compreendidas. A nossa época de cadeiras de espuma de borracha colocadas em frente de aparelhos de televisão induzem muitos a se afastarem de buscar uma compreensão destas verdades especiais. Mas uma atitude de indiferença pode acarretar desastre.

Quanto ao esforço de buscar a palavra de Deus, lembrai-vos que o ouro não está pendurado em ár-

vores, nem a prata cresce como ervas daninhas. A obtenção de coisas de valor é dispendiosa em termos de tempo e energia. A pergunta que vos desejo fazer é esta: Que valor atribuis à vida eterna? Além do mais, quando a mente se aplica regular e consistentemente a verdades profundas, ela fortalece-se em capacidade de compreensão.

Lembro-me, quando era criança, de observar o meu pai a escrever à máquina à velocidade de cem palavras por minuto. Isto parecia-me um feito impossível e mesmo misterioso. Nunca sonhei que haveria de chegar o dia em que eu soubesse dactilografar. Um dia comecei a aprender a dactilografar numa classe de dactilografia. Ensinaaram-nos a usar repetidamente um dedo na mesma tecla. Era uma experiência lenta e frustrante, mas a paciência e a prática produziram os seus resultados. Hoje dactilografar não mais é um mistério, nem difícil para mim.

Como animais cegos, muitos de nós nos arrastamos através da vida ignorantes das questões envolvidas no Conflito no qual estamos empenhados. Precisamos de lutar até à morte contra os sentimentos de tédio e começar a ficar animados acerca da verdade para os nossos dias. As tácticas diversificadas de Satanás precisam de ser resistidas. Empenhai a vossa mente na tarefa, e determinai com a ajuda de Deus compreender mais amplamente as três mensagens angélicas.

Dada no Tempo Exacto

A mensagem do primeiro anjo é uma *combinação de ordenação e advertência*. A *ordenação*: Temei a Deus, e dai-Lhe glória; e adorai Aquele que fez o Céu, e a Terra e o mar, e as fontes das águas». A *advertência*: «É vinda a hora do Seu juízo».

Essa advertência foi proclamada no tempo apropriado pelos crentes adventistas antes de 1844. A grande profecia dos 2300 anos de Daniel 8:14 atingiu o seu clímax em 22 de Outubro de 1844. Embora tivesse havido uma má compreensão do acontecimento a ter lugar naquele dia, a data em si mesma está correcta. Em vez de vir à terra naquele tempo, Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celestial para iniciar a obra solene de investigar os registos da vida de todos os seres humanos desde os dias de Adão. Investigar que espécie de resposta tem dado a raça humana ao plano da salvação com a cruz no seu centro. O tempo exacto desta advertência é surpreendente. Devia ser dada no tempo exac-

to em cumprimento da profecia, e devia ser exactamente o último apelo aos homens para se prepararem para a vinda de Cristo. Desde o tempo em que as palavras «é vinda a hora do Seu juízo» foram primeiramente escritas, 1900 anos antes, até ao surgimento do Movimento do Advento, *nenhum grupo tentou explicar ou pregar essa advertência numa base mundial.*

Mais Amplamente Explicada

Dentro de um curto período de tempo após ter sido primeiramente pregada, a primeira mensagem angélica foi mais amplamente compreendida. Tomai a ordem de «adorar Aquele que fez o Céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas». Estas palavras são virtualmente retiradas do mandamento do Sábado. Aqui está um apelo urgente para adorar a Deus como o Criador. Deus não ignorava o facto de que nestes últimos dias a Sua obra criadora seria desafiada *de modo especial*. É verdade que o mandamento do Sábado foi mudado pelo homem 1 500 anos antes. Mas aqueles que fielmente observavam o Domingo *ainda criam na história da criação de Génesis 1*. De facto, os observadores do Domingo chamavam ao Domingo o Sábado com implicações da criação. No tempo em que o Movimento Adventista começou, notamos outras forças se desenvolvendo que não só negavam a verdade do Sábado, mas *também a história da Criação!* Isto é um ponto muitíssimo importante a gravar na vossa memória.

Os cientistas, durante a primeira parte do século XIX, uniam Deus com o seu trabalho. Reuniões científicas começavam comumente com oração. Mas num mui curto período de tempo operou-se uma mudança drástica. O pensamento filosófico e científico começou a cortar a ligação com as Escrituras. Notai a oportunidade destes desenvolvimentos:

1844 — *Darwin escrevia o seu primeiro manuscrito do livro: «A Origem das Espécies».*

1844 — *Carl Marx tornava-se amigo de Frederico Engels em Paris — contacto esse que eventualmente resultou no «Manifesto Comunista».* Estamos todos familiarizados com o facto de que o comunismo nega a existência de Deus. O jornal russo *Pravda* ilustra o ateísmo das ideologias comunistas. Quando os seus astronautas regressaram do espaço, eles exclamaram: «Os nossos astronautas têm voado pelo espaço, têm penetrado no céu, e acharam que não há Deus».

1859 — *Publicação de «A Origem das Espécies», um livro destinado a destruir a fé de incontáveis milhões na história da criação de Génesis.* Um escritor descreve o ano de 1859, quando este livro apareceu, como o ponto decisivo de mudança na história do pensamento ocidental. Isso revolucionou a atitude do homem para com, praticamente, todo o campo de ciência e pensamento académico.

Mas isto não é tudo. Em 1848 duas rapariguinhas foram para a cama na sua pequena casa de

madeira, na aldeia de Hydesville, Nova Iorque. Então ouviram algumas pancadas misteriosas, e em pouco tempo elaboraram um código, permitindo assim às irmãs Fox receber informações de espíritos malignos. Este foi o começo do espiritismo moderno. Estas raparigas, iludidas e enganadas, morreram, afinal, como alcoólicas. Que tragédia a delas! Elas estiveram envolvidas com mais do que uma espécie de espíritos!

Resumamos por um momento estes poucos pontos:

1. O desenvolvimento da teoria evolucionista.
2. A criação do Manifesto Comunista.
3. O começo do espiritismo moderno.

Todos os três eram terrivelmente opostos a Deus e à Sua Palavra. Todos estes movimentos se têm tornado forças gigantescas e poderosas no mundo hoje.

Pensai nisso. No *momento exacto* quando estas tremendas forças malignas se estavam formando, Deus inspirou um grupo, um pequeno grupo, de pessoas a começar a estudar esta primeira mensagem angélica, que contém as verdades essenciais necessárias a neutralizar estas falsidades ateísticas.

E isto não é nenhuma coincidência! Deus sabia quando surgiria a necessidade. O reconhecimento de Deus como o Criador e a aceitação do Sábado, o sétimo dia, como um memorial do Seu poder criador formam juntos a *única arma existente que pode derrotar tanto as teorias evolucionistas como as comunistas*. Aqueles que usam esta arma precisam forçosamente de usar as Escrituras como a sua autoridade. E nestas mesmas Escrituras se encontra a verdade a respeito do estado do homem na morte, a nossa *única arma contra o espiritismo*. A magnitude desta primeira mensagem ultrapassa a nossa compreensão. O poder criador de Deus é uma grande e necessária verdade.

O dia da Formatura de Moisés

Pensai por uns momentos em Moisés, que se licenciou em numerosos cursos das universidades do Egipto. A sua mente brilhante havia aprendido música, história, filosofia, ciência, liderança militar, poesia e política. Ele sentiu que estava agora preparado a dirigir a saída do povo de Deus do Egipto. Mas Deus tinha outros planos. Ele tomou Moisés e registou-o na Universidade do Deserto do Sinai *num curso de rendição — de 40 anos de rendição à vontade de Deus e Seus caminhos*. Deus desejava que Moisés aprendesse que Ele é o Criador. Desejava que Moisés contemplasse as montanhas gigantescas que Ele criara — em vez de contemplar os templos feitos por homens. Desejava que Moisés contemplasse as belezas do nascer do sol e do pôr-do-sol — que ultrapassam em muito as obras de arte de qualquer pintor egípcio. Desejava que ele aprendesse a cuidar de ovelhas — de modo que lhe pudesse confiar o Seu povo.

O dia da formatura chegou finalmente. O orador da cerimónia de formatura dirigiu-se-lhe duma sarça ardente. Em vez de fornecer a Moisés um barrete e

uma capa, Deus ordenou-lhe que descalçasse os seus sapatos. Moisés aprendeu que o grande Eu Sou era o Ser Supremo, o Criador e Sustenedor de toda a vida. Recordai-vos que Moisés, enquanto no deserto, escrevera o livro de Génesis, com a sua história da criação. Agora ele estava preparado para realizar uma obra para Deus.

A primeira mensagem angélica fará por nós hoje o que Deus fez por Moisés há milénios atrás. Somos chamados a adorá-l'O — o Criador e Sustenedor de toda a vida. Somos chamados a adorá-l'O — o Criador, o Glorioso Ser — o Único que pode dar vida ao homem e mantê-lo vivo, o Único que pode mudar o coração dum homem e mantê-lo mudado. Esta mensagem é uma grande promessa do poder de Deus, tornada possível a todos os que a reclamam com fé.

Mas isto não é tudo. Considerai que este evangelho eterno deve ser dado «a toda a nação, e tribo, e língua, e povo». Lemos estas palavras voluvemente hoje. Ouvimos cartas missionárias cada Sábado. *Mas compreendemos realmente o que aconteceu?*

Volvamos a 1844, e que vemos após o grande desapontamento? Vemos justamente um punhado de pessoas, menos de 50 para ser mais exacto, que mantiveram a sua fé na direcção de Deus. Na verdade, outros adventistas dentro do movimento Millerita se uniram, finalmente, a eles. Mas este pequeno grupo começou sem virtualmente nada a não ser fé. Pobres e sem educação, eram ridicularizados, troçados e desdenhados.

Mas com o decorrer do tempo e a expansão do movimento, cresceu a convicção de que a mensagem devia ser levada além-mar, isto é, para outros países. Lembrai-vos que o movimento moderno missionário estava exactamente a começar. Em 1844 David Livingstone abriu a sua primeira missão em África. Foi após 1844 que cerca de metade da população mundial se tornou acessível ao evangelho. Antes deste tempo, a liberdade religiosa era desconhecida para milhões de pessoas. Os adventistas do Sétimo Dia entraram neste cenário com as três mensa-

gens angélicas para todo o mundo. Do humilde começo de enviarmos o nosso primeiro missionário, J. N. Andrews, para a Europa em 1874 *temos agora um extenso império missionário englobando o globo.*

Em 163 dos 180

Possuo uma pequena brochura de 4 páginas publicada pela Sociedade Bíblica Americana há alguns anos atrás. Contém a lista de 180 países diferentes e 55 denominações protestantes principais. Se uma igreja tem uma missão num determinado país, é colocado um pequeno ponto negro na coluna em que está mencionada a dita igreja. Ao abrimos a publicação, os nossos olhos vêem imediatamente uma longa linha de pontos negros. Podereis adivinhar que igreja será essa com tantos pontos negros assinalados? Sim, adivinhastes. É a igreja Adventista do Sétimo Dia. Dos 180 possíveis pontos negros, os Adventistas têm 163. A igreja logo a seguir a nós tem 74. Alguém disse que não importa aonde ides no mundo hoje, encontrareis três coisas — a Standard Oil Company, a Igreja Católica Romana, e os Adventistas do Sétimo Dia! Após viver e trabalhar no Extremo Oriente durante 8 anos e ter viajado em dezenas de países, eu creio nisso!

Outro conceito vital é que esta mensagem salienta a unidade e igualdade de todos os membros da raça humana. Nas minhas viagens recebo impressos de imigração para preencher. Alguns perguntam: «Que raça?» Eu sempre escrevo em letras maiúsculas: «RAÇA HUMANA». Alguns oficiais de imigração olham surpreendidos e depois sorriem. A nossa primeira mensagem angélica é para *todo o ser humano* neste planeta. Devemos proclamá-la rapidamente a todo o mundo, pois estamos a viver no «tempo do fim». Em breve Jesus descerá do Céu pelo caminho real dos céus. Ele virá em carros vivos de fogo para aqueles que prestaram atenção a esta mensagem. Agradeço a Deus pela oportunidade de a ter atendido. Estou humildemente grato a Deus por ser um cristão Adventista do Sétimo Dia. E vós?



DENTRO OU FORA DE BABILÓNIA

Alcunharam-no de «Milionário Especial». Este belo navio de 11 andares de altura, quatro blocos citadinos de comprimento, navegava velozmente através das águas do Atlântico Norte, impelido pela força de gigantescos motores e hélices triplos.

Protegiam-no os mais recentes e engenhosos mecanismos de segurança. Não havia dicionários adequados que contivessem adjectivos suficientes para descrever a sua luxúria. A atenção do mundo estava fixada neste palácio flutuante. No dia 10 de Abril de 1912, ele zarpou de Southampton na sua viagem inaugural para Nova Iorque.

Menos de cinco dias depois, com um rombo de 100 metros no seu casco, aberto por uma gigantesca montanha de gelo (*iceberg*) ele fixou-se no fundo do mar. O seu lugar de repouso final foi a 4 000 metros de profundidade, abaixo das águas geladas do Atlântico Norte.

Para muitas pessoas o *Titanic* era mais do que um navio. Ele era um símbolo do génio e do poder do homem. A sua majestade colossal cativou a imaginação da humanidade. A fé na grandeza deste navio era de tal magnitude que os construtores afirmavam que ele era «insubmergível».

Mas quando o insubmergível se afundou, o mundo chocado perdeu de novo a confiança na capacidade do homem em alcançar o permanente, o imbatível e o invencível.

É interessante notar que através de todas as Escrituras Deus tem procurado mostrar ao homem, auto-suficiente e pecador, que as coisas eternas estão nas mãos de Deus e não nas dos homens. A segunda mensagem angélica tem por objectivo focar de novo a atenção do homem na futilidade do orgulho, arrogância e realizações do homem. Notai as palavras: «E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilónia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição».

O termo «Babilónia» não pode, possivelmente, referir-se à antiga cidade de Babilónia, que era a capital do mundo no tempo de Daniel. Esta segunda mensagem angélica foi escrita por João, o revelador, 600 anos após a destruição de Babilónia. De facto, outras cidades foram construídas com tijolos tomados das antigas ruínas de Babilónia, e ainda hoje serve como lugar de obtenção de tijolos. Esta grande metrópole dos tempos antigos está completamente abandonada. Então porque usa João o termo «Babilónia»?

As raízes da cidade de Babilónia remontam à antiga Torre de Babel construída por ateístas e des-

crentes após o Dilúvio. Esta Torre era um «Titanic» do Velho Testamento — um símbolo do orgulho e poder do homem. Alguns pensam que a razão primária para a construção da Torre de Babel era escapar a outro dilúvio. Isto não é verdade. Uma leitura cuidadosa de Génesis 11:4 revela o motivo secreto para a erecção duma torre que tocasse nos céus. «Eia, edificuemos nós uma cidade e uma torre, cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome». Este era o verdadeiro motivo. Esta torre deveria captar a admiração do mundo.

A cidade que deveria ser construída juntamente com a Torre devia ser um centro internacional de riqueza, cultura, e instrução. Os arquitectos desejavam ser conhecidos como homens ilustres. O que melhor poderia perpetuar a fama de homens do que uma cidade e uma torre cuja beleza e poder durasse para sempre? Ah, mas Babel caiu. A humanidade foi espalhada pela face da Terra quando o dedo de Deus tocou as línguas dos homens e as confundiu. Que acto simples, mas dispersador!

Séculos mais tarde a própria cidade e o império de Babilónia, durante o tempo de Daniel, tornou-se outra ilustração «Titanic» do Velho Testamento. Caiu sob o ataque das forças Medo-Persas. O sangue do rei Belsazar misturado com o vinho entornado corria do seu trono pelos degraus de mármore abaixo. Pensai nessa cidade com as suas paredes exteriores de tijolos amarelos, portões azuis, palácios de cor vermelho-rosa, e templos brancos. Jardins gloriosos e ruas ladeadas de palmeiras tornavam esta metrópole uma fantasia brilhante e multicolor no meio do deserto. Sem dúvida Satanás pretendia ter Babilónia como um centro nervoso visível para o seu plano magistral de enganar todo o mundo, em oposição ao plano de Deus de estabelecer Jerusalém como o centro visível das forças da justiça.

Nos tempos do Velho Testamento estas duas cidades tornaram-se símbolo das forças do bem e do mal. A riqueza e o poder de Babilónia pareciam tão estáveis que ninguém sonhava que ela alguma vez viesse a cair. Quando ela caiu de verdade, o mundo nunca esqueceu isso. O choque da queda de Babilónia, esta poderosa e impregnável fortaleza, e a perda do seu poder, importância e brilho ainda impressionava homens nos dias de João. Cessou virtualmente de existir por volta do mesmo tempo em que João escrevia a segunda mensagem angélica. Não é de admirar que ele tivesse pegado na expressão «caiu Babilónia» e a usasse em profecia.

O significado profético de «caiu Babilónia» na sua forma mais simples é confusão espiritual. Na

verdade, os cristãos dos dias de João aplicavam o título «Babilónia» a Roma imperial, que sem misericórdia torturava e matava os cristãos primitivos. Babilónia mística e literal tem sido tradicionalmente reconhecida como inimiga da verdade e do povo de Deus. Como é usado na segunda mensagem angélica, este nome torna-se símbolo de todas as organizações religiosas apostatadas.

Hoje encontramos um império colossal de erro e falsidade espirituais requerendo o respeito e a obediência de praticamente todo o mundo. Notai a descrição de João acerca do que Babilónia está fazendo: «Fez com que todas as nações bebessem do vinho da sua fornicção». Esta forte acusação significa simplesmente que os homens se estão voltando contra a fonte pura da água da vida ao se voltarem para o vinho do erro e desobediência, que constitui fornicção espiritual e imoralidade.

O belo símbolo da relação entre marido e mulher é usado através das Escrituras como modelo da relação que Deus deseja que haja entre Ele e aqueles que O amavam. Mas se aqueles que se dizem cristãos recusarem seguir os claros mandamentos de Deus e se voltarem para os seus próprios caminhos pecaminosos — isto constitui adultério espiritual. Os cristãos devem estar casados com o Senhor Jesus Cristo, mas se formos infieis aos votos do nosso casamento ou baptismo, e seguirmos a Satanás e o mundo, somos parceiros infieis para com nosso Senhor.

As filosofias religiosas que mais apelam aos corações e mentes dos homens são responsáveis pelas suas atitudes e acções. As crenças de uma pessoa determinam as suas acções. David expressou esta verdade ao referir-se aos deuses que os homens fazem: «Aqueles que os fazem são semelhantes a eles; assim é todo aquele que neles confia.» Sal. 115:8. As filosofias que forjardes na vossa mente, determinarão o que haveis de ser. O carácter do homem nunca pode elevar-se acima dos seus conceitos de verdade e santidade.

É notório que os países que têm pouca ou nenhuma luz acerca do Verdadeiro evangelho de Jesus Cristo são normalmente países atrasados. Mas os países que têm uma forma pagã de Cristianismo são algumas vezes os *mais* atrasados e mergulhados na pior espécie de males. Lembro-me muito bem de ter trabalhado num certo país onde 90% da população se dizia cristã. Numerosas igrejas cristãs penetravam nos céus com as suas torres. Era o único, assim chamado, país cristão naquela área, contudo tinha a pior taxa de crime, a maior taxa de roubos, subornos, e mentiras — ainda maior do que os países pagãos na mesma área. Isto ilustra a razão porque Babilónia está numa condição de caída, e as nações que estão bebendo do vinho, ou aceitando as doutrinas e ensinamentos falsos, do cristianismo apóstata.

Hoje a rebelião, as desordens e o colapso moral geral que vemos em toda a parte são o fruto directo das crenças e conceitos falsos abraçados pelo, assim chamado, mundo cristão. Até mesmo muitos dirigentes cristãos dos quais se espera que apoiem a

autoridade das Escrituras estão minando-as não só pela sua aceitação de falsas teorias, mas também por as ensinarem ao seu povo. Ninguém pode semear cepticismo e colher uma colheita de paz e segurança! Tal como se passa no mundo físico, assim acontece no mundo espiritual — colhemos o que semeamos. Uma Babilónia caída é o resultado directo da rebelião do homem contra Deus e a Sua Palavra.

Tempo apropriado para a Mensagem do Segundo Anjo

A mensagem do primeiro anjo foi proclamada de modo definido e organizado um pouco antes de 1844. «A segunda mensagem angélica,» de acordo com Ellen G. White, «foi primeiramente pregada no Verão de 1844.» (*O Grande Conflito*, pág. 389). Foi pregada principalmente nos Estados Unidos, pois foi ali que a primeira mensagem angélica teve a sua maior proclamação e a sua maior rejeição pelas igrejas populares. Esta rejeição abriu o caminho para a pregação da segunda mensagem angélica, pois as organizações religiosas em geral haviam rejeitado a Mensagem do Advento.

É interessante notar que a rejeição da mensagem da segunda vinda de Cristo em 1844 foi semelhante à rejeição da Sua primeira vinda pelos dirigentes religiosos daquele tempo. A maioria desejara e requirera o estabelecimento dum reino literal no primeiro advento. Quando nosso Senhor falou acerca do estabelecimento dum reino de graça nos corações dos homens, eles não o aceitaram. Esta ideia de graça era-lhes odiosa e insípida. Hoje dá-se o contrário. Os cristãos falam acerca da mudança do coração — a qual é de vital importância — mas ao mesmo tempo estão a fazer deste presente mundo de pecado o seu objectivo em vez de fervorosamente aguardarem e se prepararem para a segunda vinda de Cristo. Quão completamente subtil está Satanás enganando o mundo!

A despeito da conversa dum mudança de coração da parte da maioria dos cristãos, vemos ainda que a cristandade se encaminha rapidamente pela estrada da desobediência à lei de Deus. Os princípios morais estão-se desintegrandos como papel fino em contacto com uma chama forte. A obra terrível de rebelião e apostasia não acabou ainda. Por esta razão *a segunda mensagem angélica é mais relevante e importante hoje.*

Suportamos nós a aplicação da segunda mensagem angélica um pouco mais de perto às nossas vidas pessoais? A segunda mensagem angélica, quando unida ao alto clamor do anjo de Apocalipse 18, que convida as pessoas a sair de Babilónia, implica em muito mais do que mudar de igreja! Se um bêbedo, mentiroso, ou adúltero deixar uma denominação meramente para se unir a outra sem uma mudança do coração e acções, que bem lhe fará isso?

A queda de nações ou organizações é simplesmente a queda combinada de indivíduos. As igrejas são compostas por pessoas. Não há absolutamente diferença alguma entre os princípios que afectam



uma queda colectiva e aqueles que afectam uma queda individual. Já alguma vez vos detivestes para pensar que uma queda espiritual individual tem a sua origem no nascimento? Não exclamou David: «Eis que em iniquidade fui formado e em pecado me concebeu minha mãe»? Sal. 51:5. Não salientou Paulo esta terrível verdade em Rom. 8:3 ao usar o termo «carne pecaminosa»? De facto, ele vai mais além ao afirmar: «Pois ter mente carnal é morte, mas ter mente espiritual é vida e paz». V. 6. Este estado de «morte» «em pecado» e «mente carnal» é a condição de Babilónia caída!

Graças a Deus pela mensagem do segundo anjo que é uma esperança tremenda em conexão com a sua irmã gémea do texto de Apocalipse 18:4 «Sai dela, povo meu, para que não sejais participantes dos seus pecados». Esta ordem é uma promessa! Uma promessa de maravilhosa certeza de que quando nos dispomos a colocar a nossa vontade no lado de Deus, a terra e as nossas próprias vidas pessoais serão «iluminadas com a Sua glória.» (Ver Apoc. 18:1).

Um nómada está deitado na sua tenda do deserto à meia-noite. A sua fome extrema acorda-o. Acende uma vela e pega numa tigela com tâmaras. Tirou uma tâmara, segurou-a defronte da luz da vela e viu que tinha uma lagarta, de modo que a deitou fora. Tirou uma segunda tâmara, segurou-a também defronte da luz da vela, e viu o movimento serpenteado de outra lagarta. Atirou-a então para fora da sua tenda. Uma terceira lagarta foi encontrada numa

terceira tâmara. Em desespero apagou a vela e decidiu comer as suas tâmaras bichosas na escuridão da noite.

A raça humana tem apagado a luz da lei e da ordem, a luz do domínio próprio, a luz da revelação divina, e senta-se e devora as lagartas da rebelião e escuridão. Será a brilhante luz da segunda mensagem angélica apagada enquanto eu me sento e como as minhas tâmaras de rebelião? Ou escolherei ter a minha vida iluminada com a Sua glória? Embora o mundo à nossa volta pareça estar numa condição de colapso, contudo podemos prevalecer mediante o Seu poder.

A segunda mensagem angélica oferece à juventude a grande oportunidade de serem dirigentes com *honestidade, pureza, simplicidade e viver recto*. Deveriam ser dirigentes *ao resistirem à mundanidade em todas as formas, em hábitos correctos no comer, no beber, na amabilidade e paciência, em altruísmo e amor*.

Oh, quanto necessita o mundo duma demonstração, não de rebelião, mas de rectidão e obediência! Como é possível permanecer de pé no meio da turbulência do remoinho do mal à volta dos nossos pés? Tomai a Palavra de Deus, e de joelhos buscai as promessas de Deus. Decorai-as. Rogai a Deus que faça delas uma parte da vossa vida. Numa loja de loiças finas de porcelana está afixado um aviso: «Fragil, manejai com oração.» Não é isto verdade a respeito das nossas vidas, mais frágeis do que o vidro? Precisamos de envolver e empacotar as nossas vidas com oração de modo que os choques e sacudidas que diariamente recebemos não esmaguem ou manchem a nossa beleza espiritual. Estas orações, unidas às promessas de Deus, são as únicas avenidas de êxito espiritual. Notai as palavras de Il Pedro 1:4: «Pelos quais, Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que, por elas, fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que, pela concupiscência, há no mundo.» Não conheço nenhum outro caminho para permanecer de pé senão joelhar perante Deus.

A igreja não tem tanta necessidade de jovens com grandes mentes, mas sim de jovens que saibam como ajoelhar-se perante Deus. Lembro-me de ouvir pregadores nos dias da minha juventude admoestando-nos a orar. Permitti-me fazer esta sugestão. Tomai os Dez Mandamentos, e lede-os meditativamente e com oração — de joelhos. Ligai-os com outros versículos e rogai o poder do Espírito para que faça com que eles se tornem uma parte da vossa natureza espiritual. Convicção, determinação e fervor em viver uma vida cristã não são adquiridos senão mediante oração. O eu só pode ser subjogado de joelhos.

A cruz de Cristo está no centro da segunda mensagem angélica. Sair de Babilónia não é fácil. Isso significa uma morte para o eu. A cruz é um símbolo de morte e não apenas de dificuldade. A segunda mensagem angélica declara que devemos morrer para o governo Babilónico do eu. Que mensagem poderia ser mais relevante nos nossos dias?

UM TRAGO NO BAR DE BABILÔNIA

Quatrocentos anos antes de Cristo um homem atarracado, feio, com lábios grossos e um nariz achatado e arrebitado foi preso. Depois de um curto julgamento este homem, cujo nome era Sócrates, foi condenado à morte. O seu método de execução é interessante. Foi forçado a beber a taça fatal de veneno de cicuta. Tenho pensado na morte deste homem muitas vezes. Aproxima-se o dia, e não está muito distante, quando terá lugar uma festa mundial de bebedice. Será uma festa mundial, semelhante à de Belsazar, com Deus como hospedeiro. Os condenados serão os convidados a esta festa de bebedice. As bebidas não serão alcoólicas, pelo contrário, serão as bebidas ardentes da cicuta da morte eterna.

Se eu fosse apenas um leitor casual da Bíblia e chegasse a Apocalipse 14:9-10, ficaria chocado ao descobrir a denúncia mais terrível encontrada nas Escrituras, e descrita na linguagem mais forte possível: «Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão. Também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou não misturado, no cálix da Sua ira». A linguagem severa forçar-me-ia a exclamar: «Isto é demasiado importante para ser ignorado! Devo saber qual é o significado da mensagem deste terceiro anjo». A televisão, as festas, as modas, os desportos seriam relegados para segundo plano. O conteúdo desta mensagem compeli-me a estudar e a pesquisar até que compreendesse o seu significado.

Alguns podem sentir que a linguagem é tão misteriosamente simbólica que não pode ser compreendida. Se estivésseis no lugar de João e vísseis o que ele viu em visão, como descreveríeis a cena onde praticamente todo o mundo adorasse, não a Deus, mas um poder simbolizado por uma besta?

A mensagem de Noé acerca do dilúvio que havia de vir, pode ter sido considerada misteriosa. Afinal de contas, nunca tinha chovido, e, por conseguinte, para um homem se levantar e pregar durante 120 anos, nos quais nunca houve chuva ou temporal, que o mundo seria coberto de água parecia ridículo e misterioso.

Escutai. A prova suprema de que *pódem* compreender esta mensagem nestes últimos dias reside no facto de que Deus é um Deus de amor. Deus não nos daria uma mensagem desta magnitude, com tais consequências terríficas, se não fôssemos capazes de a compreender. Se os homens hoje são incapazes de apreender o significado das três mensagens angélicas, enquanto tais possibilidades aterradoras os acompanham, então Deus está ne-

gando o Seu carácter de amor. Isto é impossível! Uma vez que Deus é amor, esta mensagem deve ser dada na moldura de amor, a um povo que é capaz de a compreender.

Escutai cuidadosamente. A maneira tremendamente *negativa* em que é apresentada esta mensagem implica que deve haver uma verdade tremendamente *positiva*. Não pode haver um caminho errado a não ser que haja um caminho certo. A presença da contrafacção é prova de que há o genuíno.

Eu tenho dois filhos. O meu amor por eles é tão forte que eu os advirto contra o mal e o perigo. Se eu os não amasse, se não me preocupasse com eles, e se não houvesse um caminho certo para andar, eu nunca os advertiria. Além disso, quanto maior for o mal e o perigo, mais forte deve ser a advertência e mais glorioso o caminho certo se eles escolherem andar nele.

O mesmo se passa com a mensagem do terceiro anjo. No centro dessa mensagem está presente o maior poder do Universo para nos guardar do mal e da morte. É o poder de Deus. Em primeiro lugar para nos livrar da condenação da morte. Em segundo lugar para mudar os nossos caracteres e tornar-nos cidadãos aptos para o reino celestial. Aqueles que apreendem estas verdades e as aplicam aos seus próprios corações serão aqueles que se tornarão os maiores viajantes do espaço na história do nosso mundo. O seu destino é a vida, vida real, dinâmica, num mundo edificado para a eterna alegria.

Assumindo de novo o papel de leitor casual, encontraria no final desta terceira mensagem estas palavras: «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». Apoc. 14:12. A minha mente seria invadida pelo pensamento de que no centro deste conflito entre os seguidores de Cristo e os seguidores do poder desta besta se ergueriam, qual torre, os majestosos Dez Mandamentos. Aqueles que seguem o Senhor obedecerão certamente a todos estes mandamentos, enquanto que aqueles que seguem o poder da besta desobedecerão a todos ou a parte deles.

Este conceito contém um claro sinal que me ajudará na minha busca em encontrar o verdadeiro povo de Deus nestes últimos dias. Uma vez que estas mensagens são globais no seu escopo, eu buscaria um povo que estivesse a andar, viajando de carro, navegando e voando através do comprimento e largura da terra para proclamar estas três mensagens e ensinando a guardar todos os Dez Mandamentos *assim como* a fé de Jesus. Não levaria muito tempo a descobrir que os Adventistas do Sétimo Dia

são os únicos que estão empenhados nessa obra — outro ponto único que justifica a nossa existência.

Se eu fosse apenas um leitor casual do Livro do Apocalipse, acharia impossível escapar às repetidas referências à besta, à sua imagem, ao seu número, e à sua marca, encontradas nos capítulos 13 e 14. O que completamente me surpreenderia, seriam estas declarações do capítulo 13: «*Toda* a Terra se maravilhou após a besta.» V. 3. «E deu-se-lhe (à besta) poder sobre *toda* a tribo, e língua, e nação» v. 7. «E adoraram-na *todos* os que habitam sobre a Terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida.» V. 8. «E exerce *todo* o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a Terra, e os que nela habitam, adorem a primeira besta.» V. 12. «E faz que a *todos*, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas.» V. 16

Notai as cinco vezes em que aparece a palavra «*toda*», «*todos*», ou «*todo*». É aqui descrita uma cobertura fantástica de toda a terra. Temos aqui evidência inconfundível de que esta terrível força diabólica é um poder que abafará o mundo, que dominará quase todo o ser humano!

Sem dúvida, o engano aqui descrito não se trata simplesmente de intriga política, pois está nele envolvido *culto* ou *adoração*. A nossa lealdade espiritual será desafiada. A população inteira do mundo *adorará* esta falsa autoridade — excepto aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida de Cristo. Lede novamente os versículos 7 e 8 do capítulo 13 e notai a sua semelhança com a mensagem do primeiro anjo que será levada a todo o mundo simultaneamente com a verdadeira mensagem de Deus. A diferença é que um grupo — de longe o maior — adorará a besta e seu poder e o grupo mais pequeno *adorará* a Deus.

Neste ponto será bom explicar o que é o «vinho da ira de Deus». Esta poderosa bebida mortífera é um vinho mortífero, uma mistura não diluída derramada sem misericórdia. Jamais foi uma tal bebida oferecida aos habitantes da terra antes. A fórmula especial para esta mistura encontra-se em Apocalipse 16, que descreve as sete últimas pragas. Alguns podem pensar que as pragas são irreais, mas o pecado, crime e sofrimento que vemos na terra hoje não são de modo nenhum irreais. Uma curta visita a um hospital onde vissemos pessoas a morrer de cancro ou qualquer outra doença terrível convencer-nos-ia que estas pragas têm significado literal, bem como espiritual.

Notareis em Apocalipse 16:2 que a primeira praga será derramada sobre aqueles que têm «a marca da besta, e sobre aqueles que adoram a sua imagem». O versículo 19 declara de modo claro que Deus irá dar aos ímpios «o cálice do vinho da fúria da sua ira.» Aqueles que bebem o vinho da rebelião de Satanás, também beberão do vinho da ira de Deus. A única alternativa a estas bebidas é a água da vida de Cristo.

A admissão para esta reunião social de malfeitores, quando a última canção dos pecadores for can-



tada, será mediante bilhete, ou uma certa marca patente. É uma marca de patente religiosa muito fácil de adquirir se desejais participar nesta festa. Pessoalmente, não desejo um convite para tal festa. Compreendo perfeitamente que muitas pessoas, grandes e pequenas, estarão lá. Haverá reis, rainhas, príncipes e princesas, padres e pastores, dirigentes industriais, generais vencedores de guerras, gigantes industriais, presidentes, artistas, professores — em resumo, a maior parte dos dirigentes mundiais estará lá, bem como a maior parte da alta sociedade. Mas apesar de tão elegante companhia, e apesar de me ser dada a possibilidade de me unir com as pessoas mais famosas do mundo, ainda assim desejo que o meu nome seja retirado da lista de convites. De facto, é meu constante objectivo, minha ocupação diária, certificar-me de que não provarei o vinho da ira de Deus!

Neste ponto devemos responder à pergunta sobre quem é a besta. Apocalipse 13:2 explica cuidadosamente que o dragão dá a esta besta «o seu poder, e o seu trono, e grande autoridade.» Noutras palavras, o grande operador por detrás da besta é o dragão. A besta é meramente uma cobertura, uma frente, para o dragão. Por conseguinte, para descobrirmos quem faz actuar a besta, precisamos de saber quem e o que é o dragão.

Lede rapidamente Apocalipse 12:7-9. O ponto central é que este dragão foi expulso do céu e é chamado «O Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo.» Não poderia ser mais claro. Na verdade, o

poder papal é a principal frente entre as organizações cristãs através da qual Satanás opera, e é simbolizado pela besta da terceira mensagem angélica.

O conflito entre o bem e o mal tem sido sempre, e sempre será sustentado sobre princípios. O problema hoje é que muitos de nós não pensamos, raciocinamos, e estudamos o suficiente para descobrir quais os princípios que estão envolvidos nesta e naquela questão que defrontamos diariamente. Aquilo que torna uma coisa boa ou má é o princípio envolvido. A mente humana, tão atrofiada pelo pecado através dos séculos, é facilmente atraída para considerar superficialmente os acontecimentos e eventos. Raramente olhamos para detrás das cenas a fim de vermos as verdadeiras questões nelas envolvidas e sabermos porque as coisas acontecem da maneira como acontecem.

Por exemplo, quantos de nós buscamos saber qual a espécie de programa de televisão que os nossos corações desejam? Declaramos totalmente que a maior parte dos programas são completamente inofensivos. Contudo, estudos científicos têm revelado que aqueles que vêem programas envolvendo violência são muito mais agressivos e mais propensos a infligirem dor aos seus semelhantes, do que aqueles que recusam ver programas que contenham crime, ódio e violência. Há um princípio definido envolvido que é inevitável.

«Chapisco ouvido ao redor do mundo»

Já alguma vez ouvistes acerca do «chapisco ouvido ao redor do mundo» Foi a morte da quarta mais longa e mais bela ponte suspensa já construída. Na manhã de 7 de Novembro de 1940, ela foi sepultada numa sepultura de água. Até àquela manhã, como escreveu um jornalista, ela andara bem com o vento. Mas depois vieram as rajadas fortes e ela começou a trotar. Aos 55 Km/h ela passou a galopar. E aos 65 Km/h ela lançou-se precipitadamente num vôo estremeceador. E aos 70 km/h ela controceu-se, partiu-se com grande estrondo em duas e mergulhou 65 m abaixo no remoinho Puget Sound. Ela foi alcunhada de «Galoping Gertie». Foi um colapso inacreditável do orgulho da Ponte Tacoma Narrows, do Pacífico Noroeste, de 1 993 metros de comprimento e 6,4 milhões de dólares de custo.

Desde então artigos têm sido escritos mostrando que deste aparente desastre tem jorrado uma fonte de conhecimentos que têm tornado possível construir pontes suspensas mais duradoiras e mais fortes. Mas o que não é geralmente sabido, e nunca tornado público, é que havia um engenheiro, entre vários, que sabia que aquilo que aconteceu iria acontecer antes de ter acontecido.

Numa carta escrita por este engenheiro ao seu filho, dois dias após este terrível desastre, disse: «Ontem fui ver os restos da ponte. Foi impressionante ver aqueles restos da bela estrutura abatidos. ... Nem tu nem eu temos nada que nos preocupar com isto, pois estou justificado pelo meu relatório sobre as condições da ponte desde o princípio ao

fim. O meu nome nunca foi mencionado em relação com o desmoronamento da ponte, e eles sabem muito bem que não devem incluir o meu nome nos jornais. Eu adverti o governo várias vezes antes de ter deixado o trabalho em 25 de Julho de 1940, para não aceitar a ponte antes do controlo satisfatório das condições agora completamente reveladas. Não estou ligado ao desmoronamento do mais belo arco. Os proprietários tiveram tempo mais do que suficiente para amarrar a ponte ao chão e torná-la segura ou instalar outros dispositivos para controlar os movimentos, mas demoraram em fazê-lo até que tais dispositivos não mais eram necessários.»

Esta fascinante história está cheia de ilustrações reais aplicáveis às nossas vidas espirituais pessoais. Não é Deus um engenheiro por excelência que criou o homem, usando certas leis e princípios, que, diga-se de passagem, Deus também criou? O desígnio fabuloso da natureza física e espiritual do homem revela a grandeza do divino Engenheiro.

Cada criatura que Deus criou foi-lhe dada uma série de instruções — oralmente, sem dúvida — sobre como continuar a construir sobre princípios de verdadeira força e crescimento. Mas um dia surgiu um colapso — um colapso muito pior do que o da Ponte Tacoma Narrows. Foi o colapso de uma das maiores peças vivas de desígnio arquitectural. Foi a queda de Lúcifer — uma queda de tal magnitude que Cristo vividamente a descreve ao dizer: «Eu via Satanás, como raio, cair do céu.» Lucas 10:18. Essa queda criou um chapisco ouvido em todo o Universo. Iniciou uma reacção em cadeia na qual múltiplos biliões de seres começaram a operar sobre princípios errados e um terço da hoste angélica celestial caiu. Deus não pode ser acusado destes fracassos. Ele tentou dizer às Suas criaturas de que poderia surgir um colapso a menos que certos princípios divinos fossem estritamente obedecidos. Mas Lúcifer escolheu o caminho da rebelião.

Hoje a nossa tarefa deve ser descobrir os princípios sobre os quais Satanás e a rebelião operam. Há um certo princípio maligno que como um fio preto de morte é tecido através de Satanás, o dragão, a besta, a imagem da besta, e a marca da besta. Quando compreenderdes que princípio é esse, então sabeis o que faz de Satanás Satanás, e o que faz com que a besta e o seu poder sejam tão maus.

A fim de compreendermos o que está por detrás de todo o mal, devemos compreender um certo termo — «salvação pela fé». Escrevei isto nas paredes da vossa mente em letras de ouro. Satanás, como habitualmente, tem uma asquerosa contrafacção para todas as verdades de Deus, e a contrafacção para *salvação pela fé é salvação pelas obras*. A guerra entre Cristo e Satanás é sobre estes dois sistemas. Como fios — um dourado, o outro preto — eles estão tecidos através das Escrituras do Génesis ao Apocalipse. Cada ser humano opera num ou noutro destes princípios. Não há nenhum meio termo. O caminho da rebelião é um caminho difícil, enquanto que o caminho da liberdade é o caminho da entrega. A decisão é vossa. Que sistema escolheis?

EU, ME, MIM, MEU, MINHA

O objectivo principal de cada acto de todos os seres criados por Deus em todo o universo era renderem-Lhe honra como Criador. Cada palavra, pensamento, motivo e acção devia revelar o amor de Deus e a Sua justiça. Cada nova aventura dos anjos devia torná-los mais conscientes do facto de serem devedores a Deus por tudo. Amar a Deus, o Ser Infinito, era o desejo de Deus para as Suas criaturas. Jesus tornou isto claro em Marcos 12:30: «Amarás o Senhor teu Deus com toda a tua alma, e com toda a tua mente, e com todas as tuas forças.» Esta atitude, mantida consistentemente, haveria de resultar em verdadeira felicidade. Sem ela a vida não tem qualquer significado.

Já alguma vez notastes numa pequena frase, que muitas pessoas passam por alto, no centro da mensagem do terceiro anjo? Referindo-se àqueles que têm a marca da besta, diz: «*Não têm, descanso nem de dia nem de noite*, aqueles que adoram a besta e a sua imagem, e qualquer que receber a marca do seu nome.» Muitas vezes relegamos esta frase para o juízo final quando os ímpios permanecerão perante Deus *depois* do milénio.

Mas não é verdade que os ímpios hoje não têm descanso algum nem de dia nem de noite? O ser humano com menos paz, menos tranquilidade no mundo é aquele que anda com uma consciência violada. Isaías 48:22 declara: «Os ímpios não têm paz.»

Mas aqueles que vivem segundo o princípio do selo de Deus e Lhe obedecem possuem uma paz que não pode ser explicada. Aqueles que vivem segundo o princípio do selo de Deus de salvação pela fé são os que têm a «paciência dos santos» (Apoc. 14:12). Os que vivem pela fé são caracterizados por uma paciência e confiança tranquilas e por uma impressionante imperturbabilidade. Tais pessoas crêem e vivem segundo o princípio de que a vida e a justiça são suas somente pelo dom gracioso de Deus. Isaías 48:18 diz: «Oh, quem dera que tivesses dado ouvidos aos meus mandamentos! então a tua paz seria como um rio, e a tua justiça como as ondas do mar».

Chegamos agora a um passo extremamente importante no nosso estudo. O princípio elementar que justifica a doutrina da salvação pela fé é o *poder criativo de Deus*. O homem foi feito à imagem de Deus, mas na lista de semelhanças e aptidões entre Deus e as Suas criaturas, a capacidade de criar permanece única e diferente. A ciência descobre; mas nunca cria! O homem pode raciocinar, desenvolver, inventar, realizar feitos admiráveis, mas tais coisas

são apenas sombras da imagem de Deus. O homem pode ser capaz de dividir um átomo, mas não pode *criar* um átomo! Ordenar a existência de alguma coisa do nada é uma capacidade que Deus nunca partilhou com ninguém mais. Quando falo de Deus, refiro-me sempre à Trindade. Deus reservou a Sua capacidade criadora exclusivamente para Si mesmo. O homem não tem sequer um indício deste talento. Além disso, o homem é não só incapaz de criar, mas é incapaz de compreender ou descobrir a fórmula que Deus usa no acto de criar qualquer coisa. Para o homem conseguir explicar como Deus produziu uma unicelular amíbia seria mil vezes mais difícil do que para uma formiga resolver os segredos da bomba atómica. Tudo o que o homem pode fazer (e isso agrada a Deus) é aceitar pela fé a capacidade e o poder criadores de Deus. A tragédia é que o homem no seu estado de rebelião toma a atitude blasfemadora de que a Bíblia é incompreensível. Então, ao mesmo tempo, o homem prossegue em encher bibliotecas com livros e revistas acerca de como começou a vida, mas coloca Deus completamente de parte.

Há alguns anos atrás li numa revista de notícias acerca de três razões pelas quais os cientistas querem ir à lua. Ei-las a seguir:

1. O geólogo espera encontrar evidências de quando e como veio a Terra à existência.
2. O biólogo deseja saber se há lá quaisquer vestígios de existência que possam solver o enigma do que é realmente a vida.
3. O astrónomo espera que uma contemplação real e de perto da lua possa ajudar a descobrir o segredo de como foi formado o sistema solar.

Notai que cada uma destas razões trata da origem da vida — a origem da vida e da matéria. Pensai nos biliões de dólares que têm sido gastos para encontrar estas respostas quando a Palavra de Deus, que contém a resposta, pode ser comprada numa loja de artigos diversos por apenas um dólar!

Agora considerai este importante facto: Satanás tem tentado intencionalmente apagar das mentes dos homens a verdade do poder criador de Deus. De facto, este esquecimento de que Deus era o seu Criador foi, na realidade, o que levou à queda de Satanás. Tivesse Lúcifer humildemente admitido a criação de Deus, a história fatídica do pecado e da queda do homem nunca teriam sido escritas.

Satanás apagara esta verdade da sua própria mente. Ele foi forçado a fazer isto a fim de tornar bem sucedida a sua rebelião. Satanás negou o *poder*

criador e sustentador de Deus. O nome Lúcifer significa simplesmente «porta-luz» ou «aquele que brilha». Notai cuidadosamente que o problema começou *interiormente*, e não exteriormente. Isto tem sido verdade de cada pecado desde o começo do primeiro. O pecado começa no coração, que é o termo simbólico para designar a mente. «*Eu* subirei ... *eu* exaltarei ... *eu* sentar-me-ei ... *eu* serei semelhante ao Altíssimo.» Isa. 14:13,14. Estes quatro *eus* de exaltação própria revelam o ingrediente básico do pecado! É interessante notar que na palavra *pecado* (sin) em inglês a letra central *l*, significa exactamente EU. A letra central da palavra *orgulho* (pride) em inglês é o *l*, EU. O orgulho do eu, o poder, posição, habilidade e independência é o moto de hoje em dia. É o espírito de «Vede quem eu sou», «Vede o que eu posso fazer», «Vede o que eu tenho». Os livros elementares ou cartilhas estão repletas de declarações como estas: «O Bebê diz: 'Olha para mim'», e «O Irmão diz: 'Observa-me'». Desde os primeiros dias o treino centralizado no eu é a regra. Oh, como este espírito se tem tornado hoje uma praga no mundo!

Há alguns anos atrás visitei o famoso parque Frogner em Oslo, Noruega. O famoso escultor norueguês Gustavo Vigeland esculpiu o mistério da vida em dezenas de estátuas. O centro de atracção é um gigantesco monólito (pedra única) granítico dum massa de seres humanos lutando, porfiando, debatendo-se por alcançar o cume. Às faces esculpidas dos homens, mulheres, rapazes e meninas faltava uma coisa — sorrisos. Havia olhares de avareza, desespero, desânimo e desalento. Se ali estivésseis, formaríeis as vossas próprias conclusões. Para mim este monumento é um símbolo do espírito da raça humana hoje. É um símbolo do espírito de Satanás.

O moto da vida de muitos é: «Exalta o eu», «Obtém o primeiro lugar», «Busca posição», «Eleva a tua posição social». Títulos que soam bem aos ouvidos são dados aos homens. Aos que trabalham na limpeza de prédios são dados os títulos de administradores dos serviços de prédios. Os que cavam valas são apelidados de engenheiros terrestres. Os que lavam loiça são chamados de vanguarda dos utensílios de culinária. Os moços que limpam os quintais são chamados de artistas paisagísticos. Os homens que recolhem o lixo são chamados superintendentes sanitários. Sorrimos, mas quão verdade é o facto de que bem no fundo do coração humano existe o anseio de reconhecimento e de posição.

Voltando a Lúcifer descobrimos que ele deseja a o poder de Deus, não o Seu carácter; o domínio de Deus, não o Seu amor; o governo de Deus, não a Sua amabilidade; a capacidade criadora de Deus, não a Sua bondade; a honra de Deus, não a Sua humildade; a posição de Deus, não a Sua personalidade.

Foi correcto, ter-se formado, nesta ocasião, a palavra *rebelião*. Os lexicógrafos celestiais introduziram esta palavra no dicionário divino pela primeira vez. Nenhum ser havia ouvido antes a palavra *rebelião*, muito menos pensado acerca dela. Como ve-

des, o céu é todo positivo! Estranha e misteriosa foi a entoação desta fatídica palavra rebelião.

Que envolveu a rebelião? Envolveu o estabelecimento dum governo completo com as suas leis próprias em oposição ao governo e às leis de Deus. O objectivo de Satanás era contrafazer cada fase do reino de Deus. A própria essência do reino de Satanás é: «Posso viver pelo meu próprio poder.» Assim começou o princípio da marca da besta exactamente nas cortes celestiais. É uma usurpação das prerrogativas e do poder de Deus. Aqueles que eventualmente forem assinalados com a marca da besta nestes últimos dias proclamarão: «Eu sou a minha própria autoridade», «Eu sou Deus», «Eu sou».

É interessante notar que cientistas da mente há alguns anos atrás tabularam cuidadosamente o número de vezes que pessoas doentes mentais usavam palavras tais como «Eu», «me», «mim», «meu» e «minha». Estas pessoas infelizes usavam uma destas palavras em cada doze outras palavras de conversação. Estes mesmo cientistas tabularam a fala de pessoas consideradas normais. (Afinal de contas, não há ninguém realmente normal. As pessoas mais normais no mundo são aquelas que se rendem ao Senhor Jesus Cristo e cujas mentes são consequentemente restauradas ao seu devido equilíbrio. É somente mediante o Seu poder que a avareza, a inveja, os hábitos maus e outros maus traços de carácter podem ser subjugados e vencidos).

**O moto da vida de muitos é:
«Exalta o eu», «Obtém o primeiro
lugar», «Busca posição», «Eleva
a tua posição social».**

Esta tabulação da conversação de indivíduos normais revelou que apenas uma destas palavras a respeito do eu foi usada em cada 36 outras palavras. Noutras palavras, os desequilibrados mentais referiam-se ao eu **três vezes** mais frequentemente do que os que eram normais. Pode ser que muitas das doenças mentais que vemos em toda a parte hoje seja um resultado directo de insegurança operado pelo egoísmo e egocentrismo?

É extremamente importante salientar de novo que o programa de rebelião de Satanás tem suprido ou pervertido o pano de fundo histórico da sua própria existência. Reconhecer que Deus era o seu criador arruinaria, naturalmente, a sua revolta antes de ela ter começado. Precipitadamente ele fez a desafiante reivindicação: «Eu sou Deus». Escutai Deus a

falar por intermédio do profeta Ezequiel ao descrever as reivindicações de Satanás: «Assim diz o Senhor Deus: Porque se tornou arrogante o teu coração, e disseste, *eu sou um Deus*, sento-me no assento de Deus, no meio dos mares». Ezequiel 28:2. Que orgulho tão profano! O significado hebraico e grego de *diabo* é «difamador», e isto é certamente verdadeiro de Satanás.

A aparência sumptuosa de Lúcifer é descrita no versículo 13, mas notai cuidadosamente as sete palavras conclusivas, «*no dia em que foste criado*». Isto deveria chocá-lo nos seus sentimentos, mas não o chocou. Aquelas sete palavras do Todo-poderoso eram prova suprema que o Senhor, e não Satanás, era Deus! Salientavam, além do mais, que tudo quanto Satanás possuía antes de ter caído era seu *somente* por dádiva e não por o ter conseguido mediante as suas próprias obras. Deus declarou que ele era o «querubim ungido que cobria; e tenho-te assim estabelecido.» (V. 14). O versículo 15 repete a verdade de que Satanás foi um ser criado. Em resumo, a *existência e a posição* de Lúcifer eram suas por dádiva, e dádiva somente. Ele não as merecia ou as ganhou, mas Deus lhas deu por amor. A única reivindicação de Satanás a qualquer coisa era através do amoroso poder criador de Deus.

Assim começou o conflito dos séculos — a batalha entre Cristo e Satanás. A batalha centraliza-se à volta dum tema central. Num lado está a multidão de rebeldes seres criados que têm como tema da sua canção, «Eu sou Deus». Estes são os que beberão do vinho da ira de Deus e são marcados para a morte eterna. Mas no lado oposto está uma hoste de submissos e amáveis súbditos do verdadeiro Deus, que declara: «O Senhor, Ele é Deus, e nós somos os Seus filhos.» No seu meio está a cruz de Cristo, que é um símbolo da crucifixão do eu. Estes são os que seguiram a advertência de Isaías 45:22: «Olhai para Mim, e sereis salvos, todos os confins da Terra: pois Eu sou Deus, e não há outro.»

Ao voltardes para casa esta noite, ide com este pensamento em mente, que Deus reina supremo no universo. Olhai para Ele e sede salvos. O pensamento mais elevador e confortador para a mente humana é que pertencemos a Deus. Deus fez-nos: Ele é o nosso Pai; nós somos Seus filhos. Aqueles que olham para Ele vivem!

O famoso pregador Carlos Spurgeon relata a Sua experiência de conversão: «O ministro não veio aquela manhã; ficou bloqueado pela neve, suponho. Finalmente, um homem de parecer muito magro, sapateiro ou alfaiate, ou algo desse mister, subiu à tribuna para pregar. Ora, é bom que os pregadores sejam instruídos; mas este homem era realmente estúpido. Ele era obrigado a permanecer no seu texto, pela simples razão de que ele tinha pouco mais a dizer. O texto era: «Olhai para Mim, e sereis salvos todos os confins da Terra.» Isaías 45:22. Ele nem sequer pronunciava bem as palavras, mas isso não importou. Houve, pensei, um raio de esperança para mim no texto.

«O pregador começou assim: (Prezados Ami-

gos, esté é um texto muito simples, na verdade. Diz: «Olhai». Ora olhar não requer muito esforço. Não precisais de erguer o vosso pé ou o vosso dedo; apenas «olhar». Ora, um homem não precisa de frequentar um colégio para aprender a olhar. Podeis ser o maior idiota, no entanto podeis olhar. Um homem não precisa de valer um milhar por ano para conseguir olhar. Qualquer pessoa pode olhar; até uma criança pode olhar. Mas a seguir o texto diz: «Olhai para MIM.» 'Ei!' em sotaque característico Essex, 'muitos de vós estais a olhar para vós mesmos, mas não há qualquer proveito nisso. Nunca encontrareis qualquer conforto em vós próprios. Alguns olham para Deus o Pai. Não, olhai para Ele no futuro. Jesus Cristo diz: «Olhai para MIM». Alguns de vós dizeis: «Nós devemos esperar pela operação do Espírito». Não tendes nada a ver com isso agora mesmo. Olhai para Cristo. O texto diz: «Olhai para Mim».

«A seguir o bom homem continuou o seu texto desta maneira: 'Olhai para Mim; estou a suar grandes gotas de sangue. Olhai para Mim; estou pendurado na cruz. Olhai para Mim; estou morto e sepultado. Olhai para Mim; ressuscito de novo. Olhai para Mim, ascendo ao Céu. Olhai para Mim, estou sentado à destra do Pai. Ó pobre pecador, olhai para Mim! Olhai para MIM!

«Quando ele chegou aqui, depois de ter conseguido que se passassem mais ou menos dez minutos, ele estava no fim da sua capacidade. Então ele olhou para mim sob a galeria, e ousou dizer, com muito poucos presentes, ele sabia que eu era um estranho. Fixando os seus olhos em mim, como se conhecesse todo o meu coração, disse: 'Jovem, tu pareces muito miserável'. Bem, eu era, mas não estava acostumado a ouvir reparos do púlpito sobre a minha aparência pessoal antes. Contudo, foi uma boa fustigadela, veio muito a propósito. Ele continuou: 'E tu sempre serás miserável, miserável na vida, e miserável na morte — se não obedeceres ao meu texto; mas se lhe obedeceres agora, neste momento, serás salvo.

Depois, erguendo as suas mãos, gritou como somente um primitivo Metodista podia fazer: «Mancebo, olha para Jesus Cristo. Olha! Olha! Olha! Nada tens a fazer senão olhar e viver.»

«Vi imediatamente o caminho da salvação. Não sei o que mais ele disse — não dei muita atenção a isso — estava tão possuído daquele único pensamento. Assim como quando a serpente de metal foi levantada, as pessoas olhavam somente e eram curadas, assim aconteceu comigo. Eu tinha estado à espera de fazer cinquenta coisas, mas quando ouvi aquela palavra: 'Olha!' que palavra encantadora ela me pareceu! Oh! Eu olhei até quase poder ver os meus olhos ao longe. Ali e então a nuvem passou, a escuridão dissipara-se e naquele momento vi o sol; e podia ter-me levantado naquele instante e cantado com o maior entusiasmo deles, do precioso sangue de Cristo, e da fé simples que olha apenas para Ele. Oh, se tivesse havido alguém que me tivesse dito isto antes. «Confia em Cristo, e serás salvo.» (C.H. Spurgeon's *Autobiography*, pág. 105-106).

SALÁRIO OU DÁDIVA

Quando o primeiro ornitorrinco, um estranho mamífero com focinho parecido ao de um pato e coberto de pele felpuda, foi exportado para Inglaterra, os cientistas recusaram crer que se tratasse de um animal real! Pensaram que alguém estivesse a brincar com eles, juntando várias partes de várias criaturas numa só e rotulando tal criatura de ornitorrinco. Somente quando dissecaram este estranho animal é que finalmente se convenceram que era real!

Que pensaríeis vós se fôsseis ao jardim zoológico e vísseis um animal constituído destas partes?

1. Corpo de leopardo.
2. Pés de urso.
3. Boca de leão.

Que criatura de aspecto fascinante não seria ela! Apocalipse 13:2 descreve exactamente um tal animal. Os estudantes da Bíblia sabem que Deus usa animais como símbolos de poderes políticos e religiosos. Não faz o mundo hoje o mesmo? Que ocorre à vossa mente quando vedes a gravura de um urso, uma águia, um burro, um elefante ou um dragão? Pensais imediatamente na Rússia, Estados Unidos, Democratas, Republicanos e China. Deste modo, não é, de modo nenhum, estranho que Deus use animais como símbolos.

Voltando a este animal composto de Apocalipse 13, verificareis que as partes de leopardo, urso e leão apontam directamente para Daniel 7. O poderoso *leão* representava a poderosa Babilónia. O *urso*, *erguendo-se sobre um lado, simbolizava o reino duplo da Medo-Pérsia, com a Pérsia na sua ascendência. O veloz leopardo* com quatro asas representava a Grécia, a qual sob a direcção de Alexandre se estendeu rapidamente à maior parte do mundo conhecido de então. Estes três animais combinaram-se para formar o animal indescritível que representava Roma pagã e papal. A advertência na mensagem do terceiro anjo é contra a adoração desta besta composta e o recebimento da sua terrível marca. Esta mensagem torna claro que nestes últimos dias haverá uma grande federação do mal patrocinada pelo poder da besta composta a qual controlaria eventualmente todo o mundo — excepto aqueles cujos nomes estão na lista dos salvos. Noutras palavras, todos os elementos subtis, falsos e malignos encontrados nos *antigos impérios mundiais* descritos em Daniel 7 encontrar-se-iam eventualmente nestes últimos dias sob a besta simbólica de Apocalipse 13.

Estes enganos combinados, como uma gigantesca seringa hipodérmica completamente cheia de todos os terríveis males e erros inventados desde o

tempo de Babilónia até agora, estão sendo injectados na raça humana. Somente aqueles que tiverem sido inoculados com a vacina da salvação podem esperar sobreviver ao soro mortífero de Satanás.

Babilónia

Um exame breve dos princípios do mal nestes antigos impérios mundiais capacitar-nos-á a compreender mais cabalmente a verdadeira natureza da besta leopardo-urso-leão. Começando com *Babilónia*, lembrar-vos-eis da história do descontentamento de Nabucodonosor para com a interpretação de Daniel da imagem que tinha a cabeça de ouro. O resto da imagem era de prata, cobre, ferro e barro. Daniel proclamou que somente a cabeça de ouro simbolizava Babilónia. Isto de tal maneira perturbou o ambicioso rei que ordenou a erecção duma imagem, ou estátua, toda de ouro com a altura de 30 metros. Como sabeis, o seu orgulho ditava que Babilónia devia durar para sempre.

Mas verificai o que estava envolvido nesta história. A ordem era que as pessoas ou se ajoelhavam e *adoravam a imagem* ou seriam consumidas na fornalha ardente caso o não fizessem. Em resumo ou se ajoelhavam ou eram queimadas. Comparai este ultimatum com o que está profetizado em Apocalipse 13:15: «e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta». Ah, mas havia um remanescente nos dias de Nabucodonosor que recusou ajoelhar-se e adorar a imagem de ouro. Os fiéis jovens de Deus declararam: «Fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste».

A ordem de Nabucodonosor para adorar a imagem ilustra, em certo sentido, *o princípio da marca da besta*. Aqueles que se curvaram e violaram o segundo mandamento agiram segundo este princípio. Recusaram viver pelo poder de Deus. Ouvi, jovens, *as questões envolvidas são idênticas às dos nossos dias*. Elas centralizam-se principalmente no quarto mandamento.

Permanecereis firmes como os leais jovens nos dias de Daniel e declarareis: «Não adoraremos num dia estabelecido pelo homem. Obedeceremos ao mandamento de Deus e honrá-lo-emos»?

Medo-Pérsia

Que dizer do urso desta besta composta? Em Daniel 7 o urso simbolizava a *Medo-Pérsia*. Lembrar-vos-eis da história de Mardoqueu, que recusou cur-

var-se perante Hamã. O vil Hamã era um símbolo do poder satânico; o seu objectivo era a destruição do povo de Deus. Mardoqueu simbolizava os leais e fiéis servos de Deus.

O rei Assuero ordenara que todos os seus súbditos se curvassem e reverenciassem Hamã. (Ester 3:2). Mardoqueu, que costumava sentar-se junto ao portão do rei, recusou curvar-se e adorar homem algum, pois isto era uma violação da lei de Deus. Os servos do rei notaram a recusa de Mardoqueu em reverenciar Hamã. Eles perguntaram-lhe: «Porque transgredes a ordem do rei?» (V. 3). Eis aqui a *questão significativa*. Obedecerá um homem a uma lei dum rei que viola a lei de Deus, ou obedecerá à lei de Deus?

Hamã disse ao rei que havia espalhado pelo seu reino um povo cujas «leis são diferentes das leis de todos os povos, e que não cumpre as leis do rei... se bem parecer ao rei, escreva-se que os matem». (Ester 3:8, 9).

O plano de Hamã para eliminar o povo de Deus é *idêntico ao que está para vir* quando serão promulgados decretos para matar aqueles que recusarem curvar-se à autoridade humana a qual se opõe à lei de Deus.

Grécia

A nossa única história da Grécia simbolizada por um leopardo é secular e não Escriturística. Notai os seguintes pontos:

1. *Surgimento de intelectualismo*. Nunca antes na história do mundo houve uma tal produção de artistas famosos, escritores célebres e pensadores profundos. Foi um período quando os homens foram elevados aos pináculos da glória.

2. *Desenvolvimento Deus-Rei*. O mundo Helenista acreditava que os espíritos de grandes homens se tornavam divinos por ocasião da morte. O dirigente mais ilustre da Grécia, Alexandre Magno, foi saudado pelos sacerdotes egípcios como o filho de Amon-Rá, o deus-sol dos egípcios. Alexandre ordenou eventualmente que todos os seus súbditos, tanto gregos como orientais, o adorassem como um ser divino. Este conceito desempenhou uma parte importante no desenvolvimento de elevar um homem a uma posição quase divina no Império Romano — tanto pagão como papal.

Em todo este desenvolvimento vemos o fio preto da *marca da besta* da salvação pelas obras. O homem não precisava de Salvador algum — o homem pode salvar-se a si mesmo. É a elevação do homem à supremacia, tornando as leis humanas supremas em relação à lei de Deus. Este tema da glorificação do homem foi tecido através dos antigos impérios mundiais. Nos momentos finais da história deste mundo, a besta de Apocalipse 13 e 14 combinará estes traços vis num gigantesco sistema que rapidamente formará uma federação religiosa mundial edificada sobre a premissa da autoridade do homem, das leis humanas, do pensamento humano, como superiores à vontade e à Palavra de Deus. Com efeito, apagará o poder da salvação pela fé centralizado

no plano da salvação. O poder desta besta tornar-se-á um poder perseguidor violento, procurando destruir todos aqueles que humildemente permanecerem fiéis aos mandamentos e leis de Deus.

Começou no Éden

Observai como foi introduzido no nosso pequeno mundo este princípio da marca da besta. Adão e Eva escolheram deliberadamente desafiar a autoridade de Deus. A tentação para aceitarem a oferta de Satanás: «Sereis como Deus» (Gênesis 3:5), era esmagadora. Quantos de nós rejeitaríamos esta oferta se crêssemos que podíamos legitimamente ser *Deus*? Tragicamente eles caíram nesse laço. O espírito de independência captou os seus corações. A ideia de viverem por si mesmos, seguirem os seus próprios caminhos, era cativante. Eles agora podiam entrar numa experiência de hilariante liberdade. Podiam declarar: «Somos deuses! Somos a nossa própria autoridade!»

Antes de existir o pecado, os nossos primeiros pais nunca experimentaram vergonha. Após terem pecado tornaram-se conscientes da sua nudez. O pecado despojou-os do seu manto de luz. O pecado é um estado de nudez. O pecado é vergonha. As modas de hoje, de quase nudez, são uma forte indicação da atitude generalizada para com o pecado e a vergonha.

A seguir ao seu pecado, Adão e Eva fizeram vestidos de folhas de figueira. Este acto de se vestirem a si mesmos foi um acto de justificação própria. A palavra *justiça*, que significa simplesmente a qualidade de ser recto ou correcto, produziu a palavra justificação. Cada pessoa deseja ser recta ou justa. Ninguém deseja estar errado. Desejamos estar certos mesmo que tenhamos de arranjar desculpas ou elaborar argumentos para provar que estamos certos — mesmo que estejamos praticando o mal!

A primeira coisa que ocorre à mente do malfeitor é o pensamento de justificação própria. A Maria é apanhada a tirar biscoitos do frasco de biscoitos da mãe. Quando a mãe começa a repreendê-la, a Maria reage imediatamente, dizendo: «Mãe, eu fiz isso porque...» Se uma pessoa comete um mau acto e a sua consciência se torna de todo sensível quanto ao mesmo, ela ou tenta cobrir o seu estado de nudez do mal praticado com desculpas, ou confessa o seu mau acto e obtém perdão. No sentimento cristão este perdão é equacionado com o ser-se coberto, vestido, com o manto da justiça de Cristo.

Se um prevaricador não seguir um destes dois cursos, o mal cessará provavelmente de parecer mal. A sua consciência será marcada com o sinete da indiferença. Por outro lado, se a consciência permanecer sensível e a pessoa persistir em prevaricar, pode ocorrer um colapso mental ou nervoso. Falando mais claramente, enquanto a consciência for sensível, o homem deve justificar as suas acções duma maneira ou outra, tal como Adão e Eva tentaram justificar-se pelas suas obras.

É impossível obrarmos o nosso caminho para a justificação e para o céu. Podemos obrar o nosso

caminho para o inferno, mas não para o céu. Não há salário para as boas obras. Somos pagos pelas más obras, mas recebemos uma *dádiva* ao rendermos a nossa vida a Cristo. «O salário do pecado é a morte; mas a *dádiva* de Deus é a vida eterna.» Romanos 6:23.

Deus imprimiu esta verdade nas mentes do primeiro casal da maneira mais impressionante. Ordenou a Adão que matasse um animal com as suas próprias mãos. Ele nunca tinha visto uma flor morta, muito menos um animal. Ele nunca tinha visto um filme envolvendo violência. Imaginai como a sua mente ficou cheia de horrível remorso ao erguer uma faca, uma faca que tinha apenas sido usada para cortar fruta de árvores e outros deveres domésticos, mas nunca para tirar a vida duma vida inocente. O acto de matar fez estremecer Adão ao compreender ele que o seu pecado causara a morte dum inocente animal.

Agora vamos falar da parte da «*dádiva* de Deus». O Senhor tirou as peles destes animais e fez delas túnicas para Adão e Eva (Gén. 3:21). Esta *dádiva* de vestuário feita por Deus substituiu os vestidos de folhas de figueira feitos pelo homem. Daquele momento em diante, ao usarem Adão e Eva os vestidos de peles, eles estavam conscientes de duas coisas:

1. O pagamento do pecado requer a morte de Jesus, simbolizado pelo sacrifício de um animal.
2. Justiça e vida eterna são oferecidas como uma *dádiva*, simbolizada pelas vestes que Deus lhes fez e lhes ofereceu.

Buscai na Bíblia as passagens que falam de vestuário e verificareis que são usadas repetidamente como um símbolo do manto da justiça de Cristo. Isaías disse: «Ele me vestiu com vestidos de salvação, cobriu-me com o manto da justiça.» Isaías 61:10. Paulo refere-se a ele como uma «armadura de justiça». (II Cor. 6:7).

Assim desde o primeiro dia do pecado, Deus fez tudo o que era possível para mostrar claramente que o homem era totalmente impotente para se salvar a si próprio. O homem é impotente para mudar a sua vida, impotente para cobrir os seus pecados, impotente para se justificar a si próprio, impotente para se tornar justo. A salvação é um acto de Deus em favor do homem. Adão e Eva não podiam fazer os seus vestidos; podiam apenas matar o animal. Que terrível preço tiveram eles de pagar por agirem segundo o princípio da marca da besta!

Caim e Abel ilustram poderosamente os princípios da marca da besta. Aprenderam que a coisa pior que pode acontecer a uma pessoa é seguir ela o seu próprio caminho pecaminoso. O raciocínio pessoal de Caim achou que os vegetais eram tão bons para sacrifícios como os animais. Mas o sacrifício deve derramar o seu sangue como um símbolo da vida que é tomada como pagamento pelo pecado. Por conseguinte, qualquer sacrifício simbólico deve necessariamente ser uma criatura viva, e não um produto vegetal. Até mesmo as beterrabas vermelhas não contêm sangue!

A Motivação é Importante

Outro ponto extremamente importante é o motivo que anima o sacrificador. Caim fez a sua oferta como um *favor a Deus*. Assim tornou-se um símbolo do *seu próprio pagamento* pelo pecado. Ele não pensava ter necessidade pessoal duma *dádiva de Deus!*

Pondo isto em termos mais claros, notai a diferença entre os dois sistemas:

1. *O sistema salvação pelas obras-marca da besta* apresenta uma oferta a Deus na forma de obras pessoais numa tentativa de assegurar ou comprar favor divino de Deus.

2. *O sistema salvação pela fé-selo de Deus* oferece um sacrifício a Deus significando a fé do pecador no Salvador, Jesus Cristo.

Caim e Abel tinham certas coisas em comum:

1. Ambos eram irmãos criados no mesmo lar.
2. Ambos tiveram a mesma instrução religiosa.
3. Ambos eram pecadores e necessitavam de salvação.
4. Ambos reconheceram que era devida reverência e adoração a Deus.
5. Ambos construíram altares.
6. Ambos ofereceram sacrifícios.

Tudo foi o mesmo até ao ponto 6. A grande diferença nas suas atitudes foi expressa não somente nos tipos de sacrifícios que ofereceram mas no motivo por detrás das suas ofertas. Esta diferença separou-os tanto como o selo de Deus está separado da marca da besta. A diferença pode ser resumida como segue:

1. Pela fé Abel. (Ver Hebreus 11:4).
2. Pelas obras Caim.

Caim e Abel representam duas classes de pessoas que existirão até que a caravana de Cristo rompa o céu. Os seguidores de Caim dependem dos seus próprios méritos, enquanto que os seguidores de Abel dependem dos méritos de Cristo. Além disso, o homem separado de Cristo leva muitas vezes à destruição de si mesmo e de outros. Caim destruiu o seu irmão não por mal algum que Abel tivesse feito mas «porque as suas próprias obras eram más, e justas as do seu irmão.» (I João 3:12).

Aqueles que agem segundo o princípio do selo de Deus nos nossos dias serão assaltados e insultados. Apocalipse 13 e 14 esboçam claramente o que está para vir em breve. No meio desta gigantesca união perseguidora de elementos rebeldes abafando o mundo encontrar-se-á o humilde mas fiel grupo de indivíduos que vivem segundo o princípio do selo de Deus — salvação pela fé e fé somente. *Mas permanecer de pé então significa permanecer de pé agora!* Receber a coroa da vitória então significa receber a coroa da vitória hoje, neste momento, sobre a tentação.

A última parte da mensagem do terceiro anjo declara: «Aqui está a paciência dos santos.» Apocalipse 14:12. Isto é simplesmente outra maneira de dizer: «Aqui estão os vencedores diários na corrida da vida!»

«Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus» é apenas outra maneira de dizer: «Aqui estão os que obedecem diariamente a Deus e desobedecem à vontade pessoal.» Como é isto conseguido?

Quando falamos de salvação pela fé, lembrai-vos que deve haver um objecto ao qual se agarrar a fé. O objecto da nossa fé é uma Pessoa. Essa Pessoa não é a própria pessoa, isto é, não somos nós mesmos, mas Jesus Cristo. Aqueles que estão tentando obedecer a Deus mediante o olhar para si mesmos e o que têm à sua volta são como uma pessoa que fixasse os seus olhos na moldura dum quadro e não na fotografia contida no quadro! A nossa fotografia ou gravura é Jesus Cristo. Paulo declara isto eloquentemente em Hebreus 12:2: «Olhando para Jesus autor e consumidor da nossa fé».

A Relação Matrimonial

Se amanhã à noite fôsseis casar com uma pessoa a quem nunca tivésseis visto, ouvido, ou tocado, e nunca tivésseis encontrado ninguém que tivésseis visto, ouvido, ou tocado essa pessoa, como vos sentiríeis? Suponde que nunca tivésseis uma única carta ou fotografia dele ou dela — nem sequer a voz numa fita gravada. Noutras palavras, se não houvesse nenhuma sombra de prova tangível de como seria essa pessoa, qual seria a vossa atitude com respeito a unir-vos com essa pessoa tão totalmente desconhecida para vós? Se isto devesse, na verdade, acontecer, não gritaríamos nós todos: «Recuso unir-me a uma pessoa que desconheço totalmente!» Mas não é esta a situação de muitos professos cristãos e a sua relação com Cristo? Não é de admirar que tropeçemos e caiamos tão frequentemente nos braços de Satanás. A união entre uma pessoa e Cristo devia ser a mais íntima possível.

A questão toda entre Cristo e Satanás, os marcados e os selados, centraliza-se na *fé em Cristo* e no *amor por Cristo*, que resulta automaticamente em obediência aos Seus mandamentos. As mensagens dos três anjos giram em torno dum eixo central: «Para mim o viver é Cristo.» Filipenses 1:21. Quanto eu desejaria conhecer mais do meu Senhor; quanto gostaria de O poder contemplar agora mesmo! Quanto eu desejaria apresentá-’O mais plenamente a vós!

Os nossos melhores esforços de tornar Cristo real parecem tão fracos, ténues, frágeis e timoratos. Estais tendo uma união diária com Cristo? Sabeis por experiência o que significa Isaias 62:5: «Assim como o noivo se regozija na noiva, assim se regozijará o Senhor em ti»? Já ouvistes a pergunta de Jeremias 2:32: «Pode uma donzela esquecer-se dos seus ornamentos, ou uma noiva dos seus atavios?» Já officiei muitas cerimónias de casamento, mas nunca vi uma noiva esquecer-se das suas flores, véu ou sapatos de noiva. De facto, muitas noivas guardam estas coisas preciosas para o resto da vida. Abri a mala grande ou a arca de cedro ou de cânfora da vossa mãe e vede o que encontras. Os verdadeiros amantes fazem tudo o que está ao seu alcance para recordarem e não esquecerem os aniversários de ca-

samento e os queridos a quem tanto amam.

Mas Deus continua e diz o seguinte em Jeremias 2:32: «Todavia o Meu povo esqueceu-Me dias sem conta.» Quantos dias se passam em que estamos tão ocupados com esta vida que esquecemos a oração, a meditação, e o estudo da Palavra de Deus? Esquecer-se de Deus é esquecer aqueles preciosos ornamentos dum espírito manso e quieto e aquele belo atavio, o manto da justiça de Cristo.

Rogo-vos, como Paulo fez em Hebreus 3:1: «Considerai Cristo Jesus.» Rogo-vos que tenhais a mesma determinação como a que Paulo esboçou em I Coríntios 2:2: «Porque nada me propus saber... senão a Jesus Cristo, e Ele crucificado.» Aprendei «as riquezas incompreensíveis de Cristo». Efésios 3:8. Porquê? Pedro dá a resposta: «Não há outro nome sob o céu... pelo qual devamos ser salvos.» Actos 4:12. Cristo é o «poder de Deus, e a sabedoria de Deus.» (I Cor. 1:24). A nossa igreja hoje necessita grandemente de jovens que tenham uma experiência pessoal com nosso Senhor. Fixai os vossos olhos da fé n’Ele e a vitória será vossa.

Há alguns anos atrás quando a minha filha mais nova estava na terceira classe, ela voltou para casa da escola quando nós havíamos saído nessa tarde para visitas. Eu telefonei-lhe para saber se tinha chegado bem a casa. Quando ela atendeu o telefone eu disfarcei a minha voz e disse: «Olá, Linda». Após uma pequena pausa disse: «Eu amo-te muito.» Ela ficou intrigada com esta voz estranha, e a sua única resposta foi o silêncio. Finalmente eu perguntei: «Linda, tu amas-me?» Após um prolongado silêncio ela respondeu: «Como te posso amar se não sei quem tu és?» Esta foi uma resposta bastante significativa. Muitas pessoas conhecem a Jesus de nome mas não de coração. Não podeis certamente amar a Cristo a menos que tenhais um perfeito relacionamento com Ele. Esse relacionamento é o resultado do estudo cuidadoso e com oração da Sua vida.

Segui esta sugestão: Tomai o livro *O Desejado de Todas as Nações*, que é a maior obra literária sobre a vida de Cristo fora da Bíblia. Primeiro, lede as referências Escriturísticas no começo de cada capítulo. Depois procurai cuidadosamente as páginas de *O Desejado de Todas as Nações* para encontrardes qualquer possível comentário sobre a personalidade e carácter de nosso Senhor. Fazei uma lista dessas qualidades sob os títulos: amor, paciência, amabilidade, simpatia, integridade e pureza. Juntamente com as Escrituras lede outros livros sobre a vida de Cristo, e acrescentai as qualidades que encontrardes à vossa lista de estudo do carácter de Cristo. Depois meditai sobre esses pontos até que as palavras que lerdes se vos tornem músculos e fibra espirituais. Pedi ardentemente ao Espírito de Deus que O torne real para vós. Tenho tentado ler um capítulo por dia de *O Desejado de Todas as Nações* desde a minha juventude. É impossível descrever-vos os momentos deliciosos que tenho passado com o meu Senhor. Uma vida cristã feliz e alegre não é um mero acidente. Ela é o resultado de disciplinar diariamente a mente a centralizar-se no Senhor. Porque não começar hoje?

UNI-VÓS À GERAÇÃO «VIVA»

Os marinheiros acabavam de gritar e clamar aos seus deuses que os salvassem, mas a tempestade continuava a fustigar o seu barco. A qualquer momento, o mar ia tragá-los. Um último e drástico acto para aplacar a sua fúria seria oferecer um sacrifício humano. Jonas foi o escolhido. Ele servia a um Deus superior — talvez o seu sacrifício constituísse, portanto, um sacrifício superior! Além disso, o próprio Jonas garantia paz após a sua morte!

Os últimos momentos de Jonas a bordo daquele barco foram passados a dar testemunho. E o seu último testemunho é extremamente importante. Jonas reafirmou a verdade que constitui a diferença básica — e que é uma *enorme diferença* — entre o seu Deus e os deuses deles, feitos de madeira e de pedra. Escutai-o!

Aos marinheiros que o interrogavam acerca do seu lugar de nascimento, da sua ocupação e filiação, ele disse: «Eu sou hebreu e temo ao Senhor. O Deus do Céu, que fez o mar e a terra seca.» Jonas 1:9. Jonas fez uma distinção entre o seu Deus e os deuses deles, pondo em relevo que *o seu Deus fizera a terra! O seu Deus era o Criador!*

A pedra de esquina em que assenta a verdade da salvação pela fé é *o poder criador de Deus*. Já tocámos ao de leve neste ponto, mas ele é tão essencial que devemos acentuá-lo bem. A doutrina de Deus como o Criador parece simples, quase um lugar-comum, e todavia é uma verdade que a maioria das pessoas do mundo nega ou ignora. Mesmo muitos Adventistas falham em reconhecer a importância desta significativa verdade:

O poder criador de Deus constitui a diferença significativa entre Deus e todos os Seus seres criados.

Por esta razão, *a capacidade criadora de Deus é o sinal, o selo e o símbolo da Sua autoridade*. Podeis negar o amor de Deus, a Sua justiça, bondade, equidade, honestidade, moralidade, pureza e justiça. Podeis negar cada uma das boas qualidades de Deus, mas enquanto não repudiardes *o Seu poder criador, Ele continuará a ser supremo Deus*. Negar os Seus atributos, fá-l'O um *mau Deus*; mas enquanto for reconhecido o Seu *poder criador*, Ele continua a ser *o único e soberano Deus*. Mas, se negásseis a Sua criatividade, imediatamente O reduziríeis a um deus de madeira ou de pedra. Destruiríeis a Sua autoridade! Minaríeis a Sua supremacia! Derubaríeis a Sua soberania!

Uma Prova Irrefutável

Deus tem pedido e insistido, justamente, em que os homens O adorem como *Criador*. Qualquer pessoa que leia a Bíblia com este conceito em mente ficará surpreendida com o número de textos que o ilustram. Isaías estremece ao ouvir as palavras do Senhor. «A quem, pois, me fareis semelhante, para que lhes seja semelhante? diz o Santo. Levantai ao alto os vossos olhos, e vede quem criou estas coisas.» Isaías 40:25, 26. E de novo, no capítulo 42, versículo 5: «Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus, e os estendeu, e formou a terra, e a tudo quanto produz, que dá a respiração ao povo que nela está, e o espírito aos que andam nela.» Repararam como Deus, nestes textos, Se distingue a Si próprio como *Criador*?

No Novo Testamento, encontramos Paulo no centro de um grupo que está a discutir na colina de Marte. À sua volta estão não-cristãos — gente instruída, intelectual, mas supersticiosa! Os seus deuses não têm fim, nem tão-pouco os seus templos. Tinham um deus para cada situação e Paulo sabia disso. Atenas era uma vasta galeria de arte religiosa.

Ao princípio, Paulo não sabia como começar a sua mensagem. As suas estranhas doutrinas poderiam acarretar-lhe o mesmo destino que Sócrates tivera. Sem apologias mas com decidida confiança, Paulo optou por lhes apresentar a diferença entre o seu Deus e os deuses que eles adoravam. Escutai Paulo declarar que o seu Deus é «O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há» (Actos 17:24).

Continuando a realçar esta verdade, Paulo disse, e com razão, que Deus «de um só, fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra.» (versículo 26.) Apontando para a dependência do homem em relação ao poder criador de Deus, raciocinou eloquentemente: «Porque n'Ele vivemos e nos movemos e existimos.» (Versículo 28). Por outras palavras: É a Deus que se deve tudo o que há de bom! A nossa existência, a nossa vida, a nossa capacidade de pensar e agir, estão dependentes do nosso Criador. Esta é a mensagem de que o mundo precisa hoje — este é o centro da mensagem do terceiro anjo!

Três Importantes Verdades

De um ponto de vista mais pessoal, qual é a importância do poder criador de Deus? O que pode fa-

zer por mim, pessoalmente, esta verdade? Há três importantes verdades no centro do poder criador de Deus.

Primeira: o amor de Deus transparece em toda a criação

«Cada manifestação de poder criador é uma expressão de infinito amor.» — *Patriarcas e Profetas*, p. 33. Seja um átomo de ar ou uma gigante galáxia de estrelas, é uma expressão de infinito amor. A criação da vida envolve uma expressão de amor.

Nunca esquecerei o momento em que, através da janela de vidro do berçário do hospital, olhei para o nosso primeiro filho. Sempre fora para mim um mistério a razão por que os pais ficavam tão excitados com a chegada do seu primeiro filho, como se deliciavam apontando para o seu bebê: «Olhem para aquele! É o meu!» Nunca pude compreender, até eu próprio ter tido um filho, quão profundo é o amor de um pai pelos filhos — um amor que os jovens só conhecerão quando, por sua vez, se tornarem pais.

O mundo inteiro é como um berçário. Deus o Pai inclina-Se, com amor para esta terra, ao ver a vida reproduzida através do Seu poder criador. Que insondável amor está incluído na criação — especialmente na criação da vida humana! Até que ponto haveria envolvimento de profundo amor se as crianças fossem manufacturadas numa rápida linha de montagem e tudo quanto se necessitasse fosse apenas de ir a uma loja comprar um resplandecente bebê, novinho em folha, por cem contos? Ficaríamos tão excitados e emocionados como quando compramos um carro novo. Mas não haveria qualquer atitude reverencial, profunda, sagrada, divina, em relação a um bebê manufacturado! Mesmo um novo animal de estimação, como, por exemplo, um cão, produz maior emoção do que um bicicleta nova.

A vida é amor! A vida é sagrada! A vida é espiritual! Graças a Deus pela vida! Louvado seja o Senhor pelo Seu poder criador! Porquê? Porque o nosso Deus Criador fez com que a vida existisse. D'Ele vem cada dom intelectual e artístico, cada capacidade emotiva, cada dom de graça e amor. Fora d'Ele, os homens estão mortos, mesmo que vivam agora. A vida é mais do que existência animal — a vida, na sua essência própria, é espiritual. A verdadeira vida não se mede pela quantidade, mas pela qualidade.

Segunda: O poder criador de Deus confere-nos um sentimento de segurança

Estou convencido de que no mais profundo recôndito do coração do infiel existe uma grande caverna de dúvida e insegurança. Nada me pode dar um tão profundo sentimento de dignidade própria, de confiança própria cristã, como acreditar e saber por experiência que Deus me fez e que eu Lhe pertenço. Segurança envolve apreciação e aceitação. A minha segurança aumenta na crença de que sou desejado, de que sou necessário.

Quando Deus fez o homem à Sua imagem, Ele desejou o homem — precisou do homem. Deus nunca faz nada que não queira ou de que não precise. Paulo expressa-se assim em Efésios 5:28-30: «Assim devem os maridos amar as suas próprias

mulheres, como aos seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à Igreja, porque somos membros do Seu corpo.»

Aborreceria Deus a Sua própria carne? Faria algo menos do que alimentar e acarinhar estes seres criados à Sua imagem? Seria o amor de Deus inferior ao amor de um marido por sua esposa? Nunca! Um verdadeiro sentimento de segurança e de dignidade é impossível fora da compreensão do poder criador de Deus. Alimentar alguma vez o pensamento de que o homem evoluiu a partir de uma qualquer forma inferior de vida é degradante, depressivo e frustrante. O mais elevado conceito no mundo encontra-se em Génesis 1:26, 27: «E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança.... E criou Deus o homem à Sua imagem.»

Terceira: A salvação está dependente do poder criador de Deus

É aqui que entra realmente a doutrina da salvação pela fé. É uma crença sagrada no poder de Deus que nos *re-cria* em novos seres. O homem passa da rebelião para a obediência através de uma experiência de re-criação. A salvação é tão-somente um programa para trazer o homem de volta a esta relação de criatura-Criador. Tão íntima é a relação entre a criação e redenção que Jeová, «o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra» é «o Senhor, vosso Santo, o Criador de *Israel*, vosso Rei». Isaías 40:28; 43:15. Assim como o Espírito do Senhor Se movia sobre o mundo caótico antes da vida começar, também o Espírito Se move sobre as nossas vidas caóticas e produz luz, crescimento, fruto e obediência. O homem torna-se, de facto, uma alma vivente. A união entre Cristo Criador e Cristo Redentor não é mero acaso — criação e redenção são absolutamente inseparáveis!

O facto é que a mesma espécie de poder que é necessário para trazer o homem à existência é também necessário para transformar o seu coração pecaminoso e imperfeito. Tanto a criação como a redenção são o resultado de um acto divino. A questão que agora surge é a seguinte. Como re-cria Deus a minha vida? As nossas vidas são muitas vezes uma autêntica desordem — somos maus de dia e ruins de noite. Somos pobres espirituais vestidos de púrpura e ébrios de egoísmo. Somos vítimas da luxúria que o nosso cérebro explode. Os nossos corações estão despedaçados por incontrolável paixão. Judas descreve os pecadores como «*animais irracionais*», «*nuvens sem água*», «*árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas, desarraigadas*», «*ondas impetuosas do mar*», «*estrelas errantes*».

Acontecimentos Relacionados com a Re-Criação

Mas, quando começa o processo da re-criação, opera-se uma mudança. Observai alguns acontecimentos importantes relacionados com a re-criação. Deus cria no homem um espírito de arrependimento.

Este é tanto um dom de Deus como o é a vida eterna. O espírito de confissão e de restituição são dons de Deus. Nenhum homem pode sentir realmente pena de qualquer pecado que tenha cometido, a não ser que Deus, por um acto de criação, lhe dê um espírito de arrependimento em relação ao seu mau proceder.

O mesmo acontece quanto à confissão. Que ser humano, neste mundo, confessaria um pecado a Deus ou ao seu próximo, a não ser por uma milagrosa mudança nele operada? O homem que confessa o seu pecado, passou realmente pela experiência da re-criação.

Em todos os passos que levam à vida eterna, é Deus quem deve receber honra e louvor pelos Seus actos de re-criação. Já tenho encontrado muitas vezes pessoas que venceram o hábito de fumar e falham em dar louvor a Deus por essa vitória. Há alguns que dizem levemente: «Oh! não foi difícil. Apenas pus na minha cabeça que ia deixar de fumar. E pronto. Deixei mesmo de fumar.» Há um grau do viver vitorioso que o homem pode conseguir com o seu próprio poder, mas aqueles que tomam para si o mérito de tais actos ouvirão um dia: «Apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade.» Mateus 7:23.

Lembrai-vos, caros jovens, que regeneração, conversão ou novo nascimento — seja o que for que lhe chameis — é um acto criador de Deus. Paulo define-o bem em II Coríntios 5:17: «Se alguém está em Cristo, nova criatura é.» E David clama: «Cria em mim, ó Deus, um coração puro.» Salmo 51:10.

Vive! Vive! Vive!

A descrição mais gráfica do poder criador de Deus que já li encontra-se em Ezequiel 16: O versículo 3 declara que Israel tinha um pai amoureu e uma mãe heteia. Os amoureus e os hititas eram odiados inimigos de Israel. Isto significa a natureza pecaminosa que eles e nós herdámos e com a qual nascemos. A seguir este capítulo confirma e declara que quando Israel nasceu, como bebé, não havia ninguém para o lavar e purificar. Estava sujo e impuro, coberto de sangue e foi lançado num campo aberto para morrer. Os versículos 5 a 7 declaram: «Não se compadeceu de ti olho algum.... pelo nojo da tua alma, no dia em que tu nasceste. E, passando eu por ti, vi-te manchada do teu sangue e disse-te: Ainda que estás no teu sangue, vive; ... vive! Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo.»

Que descrição de um pecador! Tal como os pagãos daqueles dias lançavam os bebés indesejáveis em campos desertos para ali morrerem, também Satanás nos lançou nos campos do pecado para perecermos. O nosso destino era morrer. De facto, nós estávamos *mortos em pecado*. Então veio Alguém e Se aproximou de nós. Esse *Alguém* foi Jesus Cristo. Teve compaixão de nós, amou-nos, embora fôssemos repugnantes e repulsivos. Pronunciou a palavra criadora: «*Vive!*» Não morras — vive! Não somente

no futuro, mas agora, já! *Vive*, porque eu perdoei-te. *Vive*, porque Eu te declarei justo. *Vive* uma vida obediente, positiva, optimista, transbordante. *Vive* uma vida de vitória sobre o pecado. *Vive* uma vida que esmaga as vãs divagações e vence a letargia espiritual. *Vive*, uma vida que desfaz os castelos da dúvida, do desespero e do criticismo provocados por Satanás. *Vive*, uma vida que vence a tentação e te faz andar pela vida desembaraçado do peso terrível do pecado.

A verdade da salvação pela fé é simplesmente viver. Esta é a mensagem do terceiro anjo. Viver pelo poder de Jesus Cristo. «Vivo», exclama Paulo, «não mais eu, mas Cristo vive em mim.» Gálatas 2:20. «Vivo», exclama João, «N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.» João 1:4. «Vivo», exclama Pedro, «Para que no tempo que vos resta na carne, não vivais mais segundo as concupiscências dos homens, mas segundo a vontade de Deus.» I Pedro 4:2. «Vivo», clama um coro de vozes vitoriosas desde as portas do Éden até aos nossos dias. Estes são os que viveram a verdadeira vida. Viver pela fé — salvação pela fé — eis a mensagem da Igreja Adventista para o mundo. É a mensagem do selo de Deus. Que contraste com o poder da besta que oferece a bebida mortal da salvação pelas obras!

Começais a ver agora por que é que Satanás, nestes últimos dias, minou a verdade do Sábado com a guarda do domingo? Estais a ver agora por que é que Satanás foi ao ponto de destruir o 4.º mandamento? Podeis ver agora por que razão o domingo se tornou um sinal exterior do poder da besta e se constituiu na sua marca? O Sábado é um sinal tanto da criação como da re-criação. (Ver Ezequiel 20 e Êxodo 31.) Aqueles que verdadeiramente honram o Sábado sentem que a sua existência, a sua capacidade de pensar e agir são na sua totalidade o resultado do poder dinâmico de Deus. Admitem que *cada batida do coração, cada pestanejar de olhos, cada função do cérebro, cada movimento de um músculo, cada passo, cada respiração, cada cabelo que cresce, cada palavra que falam*, está dependente do poder criador-de-vida de Deus. De um ponto de vista espiritual, sabem que um espírito de arrependimento, de confissão, de restituição e de submissão é um dom de Deus. Que tragédia que o homem não reconheça a sua dependência de Deus! Porque têm alguns homens de esperar até à sua morte para compreenderem que não se pertencem a si mesmos? Que não podem, por sua própria decisão, fazer com que os seus corações batam e os seus cérebros pensem?

Quem quer que sejais, onde quer que estejais, estais vós dispostos a ouvir aquela voz da vida e responder-Lhe agora? Permitireis que a voz de Cristo penetre as trevas do vosso coração, tal como penetrar nas trevas durante a semana da criação, a fim de que «haja luz»?

Hoje, o grito do mundo é: «Transformai as vossas condições!» O clamor de Cristo é: «Deixai que Eu transforme o vosso coração!» O mundo procura modificar o exterior. Plutarco contava a parábola de

um homem que tentara pôr de pé, direito, um corpo morto, mas que finalmente acabara por desistir dos seus esforços, dizendo: «Há qualquer coisa que lhe falta lá dentro!» Deus muda primeiro o interior e depois as mudanças exteriores acabarão inevitavelmente por acontecer. O método do mundo de procurar mudar a sociedade é como tentar lançar fogo a uma pilha de madeira acendendo um fósforo na peça superior dessa pilha. O método de Deus é acender o fósforo na base, na parte interior. A melhor maneira de retirar o gelo agarrado ao para-brisa de um carro não é raspá-lo, mas aumentar a temperatura interior do veículo e o gelo derreterá. Não se faz um pessegueiro de uma macieira brava atando-lhe lá os pés-segos com cordeis! Nova vida à alma vem apenas quando o Mestre fala e se dá ouvidos à Sua voz!

Para mim, viver pelo meu próprio poder uma vida espiritual tem tantas hipóteses como uma pedra de propagar mais pedras. As minhas boas obras para salvação dão tanto resultado como um homem a andar em direcção ao leste num super-avião que voa a 600 milhas por hora *em direcção ao Oeste*. A minha única esperança é de que a voz de Deus toque fundo dentro da minha alma. Posso ouvir essa voz de joelhos. Ela penetra no meu coração quando estudo fervorosamente a Sua Palavra. Possuo a minha alma quando eu medito sobre a vida de Jesus.

Há alguns anos, quando realizava uma campanha de evangelização, um homem alto e forte começou a assistir às reuniões. Ele era capataz de um es-

taleiro naval. Uma noite, a voz de Deus disse a este homem: «Vive!» E ele respondeu e começou a viver. Que mudança se operou então na sua vida! Em lugar da sua habitual dureza, veio a ternura, a mansidão. A mesquinhez transformou-se em bondade. O ódio foi substituído pelo amor. Deu-se uma autêntica revolução na sua vida!

Algumas semanas mais tarde um homem baixo começou também a assistir às reuniões. Logo na primeira noite, depois da reunião, veio ter comigo e pediu para ser baptizado imediatamente. Fiquei surpreendido, quase assustado, e procurei saber quem era ele.

Trabalhava no mesmo estaleiro naval e sob as ordens daquele capataz que se convertera recentemente. Ele disse-me então, sem rodeios, que aquele outro homem era a pessoa mais mesquinha deste mundo. Foi mesmo ao ponto de me dizer que todos quantos trabalhavam sob as suas ordens o odiavam e tinham grande medo dele. Mas agora tinha-se operado uma grande mudança naquele capataz. E o seu subordinado disse-me: «Já sei que ele se baptizou na vossa Igreja. Se a vossa Igreja pode fazer por um homem o que fez por aquele, tenho que ser membro dela imediatamente!»

Que testemunho de alguém que estivera morto e ressuscitara! A maior prova em favor do poder de Deus é uma vida transformada. Permitireis vós que o Mestre tome a vossa vida e a molde segundo o Seu próprio modelo?

Prece

*Em busca de socorro, Senhor, aqui estou,
movido pela fé, confiante em Teu amor...
Coloco-me a Teus pés e mostro o que eu sou:
perverso, mau e vil, indigno pecador!*

*Desejo perfeição, como Jesus mandou,
morrendo para o eu e sendo Teu, Senhor
Assim aconteceu com Paulo, que mudou
de homem muito mau em grande pregador.*

*Meu fraco coração só Tu podes mudar.
Eu peço, sim, Senhor, que o venhas transformar
num coração que assim seja fiel também.*

*Que aprenda a odiar as coisas ruins e vis,
que tendo muita paz consiga ser feliz...
Em nome de Jesus, Senhor, eu peço. Amén.*

Alberto Bastos



NENHUMA BARREIRA CONTRA O PECADO — PORQUÊ?

Nicolau I, czar da Rússia, ascendeu ao trono em 1825. Diz-se que ele tinha o hábito interessante de vestir o uniforme de um soldado raso e visitar os seus acampamentos militares com o objectivo de os inspecionar. Numa noite ele visitou um determinado acampamento militar onde o filho de um dos seus oficiais do exército favorito era o responsável pelas finanças. Infelizmente, este jovem havia-se unido a maus companheiros. Em breve o jogo se tornou para ele uma obsessão. Depois de ter perdido todo o seu dinheiro pessoal, começou a retirar fundos do exército. Pouco a pouco o débito aumentou, até que em desespero ele decidiu suicidar-se de preferência a enfrentar as consequências.

O moço foi para o seu escritório já bastante tarde numa noite, tomou o dinheiro que havia no cofre do exército, e colocou-o num extremo da mesa. No outro lado da mesa colocou os livros de contabilidade e abriu-os para ver qual o dinheiro que eles indicavam que devia estar no cofre. Tomando uma caneta escreveu por baixo da última entrada: «Tamanho débito, quem o pode pagar?» Colocou o seu revólver sobre a mesa, mas antes de cometer o acto irrevogável, enterrou a sua cabeça nos seus braços em cima da mesa e começou a pensar na sua vida passada. Depois de algum tempo adormeceu.

Naquela mesma noite o czar estava inspecionando este acampamento. Ele viu a luz da vela bruxuleando do escritório deste jovem. A sua amizade para com o pai deste rapaz levou-o a parar no seu escritório para ver o que ele estava a fazer e uma hora tão tardia. Abriu silenciosamente a porta e viu a forma curvada e adormecida deste jovem que havia jogado com dinheiro dos fundos do governo e estava prestes a jogar a sua vida para sempre. O czar aproximou-se silenciosamente da mesa e num momento compreendeu toda a situação. Leu aquelas tristes palavras: «Tamanho débito, quem o pode pagar?» Sem acordar o jovem, pegou silenciosamente na caneta e escreveu rapidamente as palavras: «Eu pagarei». A seguir escreveu o seu nome: «Nicolau I, Czar da Rússia». Pousando a caneta, saiu sorratamente do escritório e seguiu o seu caminho.

Depois de algum tempo o jovem jogador acordou num salto. Agarrou no revólver, mas exactamente antes de tirar a sua vida os seus olhos pousaram sobre aquelas palavras salvadoras da vida: «Eu pagarei». A assinatura: «Nicolau I, Czar da Rússia», sobressaía-lhe à vista. Ele pensou imediatamente que alguém estivesse a brincar com ele. Foi apressadamente aos ficheiros e retirou um documento ofi-

cial com a assinatura do czar. Comparou a assinatura que sabia ser real com a que acabara de ser escrita no seu livro de contabilidade. Para sua grande surpresa ambas eram perfeitamente idênticas. A sua vida foi poupada. Ele podia agora enfrentar de novo o mundo. O seu débito havia sido perdoado. O grande czar havia-o tornado possível.

Não é isto o que Jesus fez por cada um de nós? Os nossos pecados haviam formado um débito de um trilhão de escudos o qual éramos totalmente incapazes de pagar. Mas o Senhor Jesus Cristo, o Governador do Universo, em terna misericórdia e amor, veio aqui há quase dois mil anos atrás e tomou uma pena, caneta, molhou-a no Seu próprio sangue, e escreveu indelevelmente: «Eu pagarei — Jesus Cristo, Rei dos reis».

Justificação

Em terminologia teológica, o acto de Cristo pagar o nosso débito sobre a cruz é chamado *justificação*. Quando um pecador segue os passos simples do arrependimento, confissão, e restituição, o Senhor carimba a palavra «JUSTIFICADO» sobre a vida e registo do pecador. Paulo expressa isso belamente nestas palavras: «Sendo justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.» Romanos 5:1.

Notai o conceito de estar em paz com Deus. Isto significa simplesmente que nós que estamos vergados pelo registo e culpa de pecados cometidos no passado somos agora declarados livres de *toda* a culpa e condenação. Devido ao que Jesus fez na cruz, não mais estamos expostos à penalidade da lei — a morte. Não mais estamos sob a terrível sentença de morte. Estamos *absolvidos!*

O capítulo 8 de Romanos, que começa com «nenhuma condenação» e termina com «nenhuma separação» faz a seguinte pergunta no versículo 34: «Quem é que condena?» Esta é uma pergunta que nenhum cristão precisa de recear! A declaração seguinte diz-nos porquê. «É Cristo quem morreu, ... o qual está à mão direita de Deus, o qual também intercede por nós.»

O rei Dario, Medo-Persa, trabalhou até ao pôr-do-sol numa tentativa de livrar Daniel de ser lançado na cova dos leões (Ver Dan. 6:14), mas as suas leis eram imutáveis. Daniel tinha de ser lançado na cova dos esfomeados leões. Contudo, se o rei, que grandemente admirava e respeitava Daniel, houvesse

escolhido oferecer-se como sacrifício em lugar de Daniel, estou certo que ninguém tocaria em Daniel. Como poderiam condenar Daniel se o rei havia pago a penalidade que ele próprio instituíra.

Como pode Satanás, ou alguém mais, apontar o dedo de condenação para uma alma que busca refúgio em Cristo? Não importa quão mau tenha sido o passado de uma pessoa, se ela se render ao Senhor, ficará justificada e absolvida sob a sombra da cruz.

Não uma Capa Para o Pecado

A justificação é mais do que um acto legal e externo. Na verdade, ela apaga efectivamente os nossos pecados passados. Mas quando a mente apreende o pensamento de que o nosso passado está apagado porque Alguém morreu por nós na cruz, isso funde e subjuga o coração. Vemo-l'O na cruz. Vemos as nossas pessoas pecaminosas na cruz — o vosso Deus, o meu Deus, o nosso Deus, tomando a forma humana a fim de pagar a penalidade de modo que não precisássemos de sofrer e morrer. Não admira que Paulo tivesse exclamado: «Como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação?» Hebreus 2:3. A justificação consiste no cancelamento do registo dos pecados de uma pessoa. Mas a justificação não é um acto que forneça uma capa para o pecado. Pelo contrário, o fruto da justificação é a eliminação do pecado da vida. A redenção implica que houve um cativo antes. Agora, a libertação vem mediante um preço que é pago. Nós, como adoradores, somos salvos pela morte duma vítima.

Assim, no coração da mensagem do terceiro anjo está a cruz de Cristo. O poder da besta tem tentado cobrir o admirável amor revelado nessa cruz. O poder da besta procura volver as mentes de homens e mulheres para si mesmos e as suas obras. O poder da besta tenta convencer os indivíduos que se podem salvar a si mesmos por si mesmos — que a cruz não é realmente necessária. Acendei uma vela, ide a uma peregrinação, rezai umas tantas rezas, andai através do fogo, — faz qualquer coisa excepto olhar para a cruz — diz este poder da besta. Pensai nas multidões de pessoas cambaleando através da vida hoje sob a cruel carga de condenação, culpa e auto-deprecação. Se olhassem para a cruz de Cristo e vissem o que Deus fez gratuitamente por eles, os seus corações fundir-se-iam e submeter-se-iam.

Tenho pensado várias vezes no jovem da nossa história introdutória e me perguntado a mim mesmo se ele terá continuado a jogar depois do acto de justificação por parte do czar da Rússia. Não posso senão imaginar que ele nunca mais voltou a jogar. Deve ter passado a odiar o jogo. Isso quase lhe custara a sua vida. Mas agora fora tornado livre. Porque voltar de novo para a escravidão?

Não é esta a atitude de todos aqueles que compreendem perfeitamente o que significa realmente a justificação? Quanto mais uma pessoa compreende a verdade da justificação, mais ela deseja parar de pecar. O pecado torna-se odioso quando compreende-

mos o que custou pagar a penalidade do pecado, pois ele requereu a morte de Deus o Filho para nos libertar.

Um Porco na Sala de Visitas

Tentar o homem justificar-se a si mesmo, salvar-se pelas suas próprias obras, é como «colocar um porco na sala de visitas, com a esperança de mudar a natureza do porco.» Muitas vezes as nossas tentativas para nos salvarmos a nós mesmos conduzem-nos a maior pecado.

Escutai atentamente a declaração seguinte, a qual revela o que acontece quando as pessoas tentam obrar segundo o princípio da marca da besta, salvação pelas obras.

«O princípio de que o homem pode salvar-se a si mesmo pelas suas próprias obras jaz no fundamento de toda a religião pagã. ... Satanás implantará este princípio. Onde quer que for mantido, os homens não têm qualquer barreira contra o pecado.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 25; ed. popular, pág. 32.

Lede esta declaração repetidas vezes. Os objectivos terríveis de Satanás são no sentido de impedir que uma pessoa obtenha a vida eterna mediante Cristo. A única maneira possível que Satanás se pode certificar que as suas vítimas nunca gozarão a eternidade é mantê-las no pecado. Para conseguir isto, ele desenvolveu este princípio de salvação pelas obras (que é o princípio da marca da besta) e o resultado disto é que «os homens não têm qualquer barreira contra o pecado.»

Perguntai a vós mesmos a pergunta: Porque razão não têm os homens qualquer barreira contra o pecado se obram segundo este princípio de salvação pelas obras? Há várias razões, mas a principal é a seguinte:

Se há algum acto que eu possa perfazer para justificar ou cancelar qualquer pecado que eu tenha cometido, serei impotente contra qualquer futura tentação avassaladora para voltar a cometer esse mesmo pecado. Se tenho no meu poder a capacidade de cancelar esse pecado mediante qualquer acto que eu possa perfazer, porque devo então resistir à tentação? Se eu — pelas minhas próprias obras — posso pagar por esse pecado, então não necessito do sacrifício de Cristo! Isto derriba imediatamente qualquer barreira na minha mente contra esse pecado. Compreendeis isto?

A salvação pelas obras nega a terribilidade do pecado e torna fácil a uma pessoa tornar-se o seu próprio salvador. O reconhecimento da terribilidade do pecado leva uma pessoa a fugir para a cruz.

Enlaçados pelas Boas Obras

O pagamento humano pelo pecado assume muitas formas. Algumas pessoas arrastam-se de joelhos e prostram-se perante um ídolo. Outras fazem peregrinações a certos lugares. Algumas fazem grandes contribuições para a igreja, esperando que isto can-

cele o seu mau passado. Outras ocupam-se em ajudar os pobres e os necessitados, pensando que estes actos expiem algum pecado nas suas vidas. Como vedes, o diabo enlaça as pessoas até com boas obras de caridade. Mas o que conta é o motivo.

Jesus fez uma declaração surpreendente em Mateus 7:22-23: «Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizámos nós em Teu nome? e em Teu nome não expulsámos demónios? e em Teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi, abertamente: *Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.*» Esta é uma repreensão surpreendente que o Senhor irá fazer a muitos cristãos professos. Eles perfizeram boas obras, esperando com isso ganhar a vida eterna. Este é o princípio da marca da besta. O princípio do selo de Deus, o princípio da salvação pela fé, inclui a verdade maravilhosa de justificação pela fé e fé somente.

Livramento Tanto da Penalidade como do Poder do Pecado

Mas isto não é tudo quanto Deus faz por nós. Há outra parte da salvação total. A salvação, como um automóvel, pode ser composta de várias partes, mas deve vir num pacote, isto é, no seu todo, se deve ter qualquer significado ou função. Removê-lo, ou a embraiagem, ou as velas, ou a bomba da gasolina, e não tereis carro algum. O mesmo acontece com a salvação. Removê-lo ou ignorai qualquer parte do plano de Deus para salvar o homem e vereis pessoas que parecem quase cristãs, que se reclamam até de cristãs, mas não funcionam, ou vivem, como cristãs.

Considerámo-lo previamente, de modo breve, as bases primárias para a salvação — justificação. Embora a justificação não dependa das nossas obras; embora ela seja o que Deus faz pelo pecador; embora não seja uma mistura das obras de Deus com as nossas; embora mude a nossa relação com Deus; embora seja o veredicto de Deus, e não o que tenhamos feito; embora seja a base da certeza da nossa aceitação para com Deus; embora inclua perdão pelos nossos pecados passados; todavia a justificação nunca nos é dada como uma dádiva em si mesma. O amor de Deus é maior do que isso. A parte principal da dádiva da salvação é a justificação, mas ela é acompanhada dum mudança, uma experiência de novo nascimento, e isso envolve um andar vitalício e constante designado nas Escrituras por santificação.

A justificação salda a nossa conta presente, mas também se aplica ao nosso futuro como uma cobertura protectora desde o momento em que aceitamos a Cristo até nos encontrarmos com o Senhor. Omitir a santificação do plano da salvação e concentrarmo-nos apenas na justificação é como se um vendedor de automóveis tentasse vender um automóvel sem travões ou sem mecanismo de direcção. Quando Deus salva uma pessoa, não somente faz algo *por* ela, mas também faz algo *nela*.

Às vezes ministros de várias confissões religiosas, na rádio ou televisão, em livros ou artigos, definem de modo acanhado, estreito, o evangelho como a «obra e a morte de Cristo», separado de outras fases importantes da salvação. Esta posição extrema tem levado muitos a desconsiderarem os regulamentos do reino de Deus contidos na Sua santa lei. Tem conduzido a uma crença desequilibrada de que podemos ser salvos sem ocorrer mudança nas nossas vidas, e isso priva uma pessoa dos benefícios completos do plano glorioso de Deus para salvar o homem. Supondo que os pais duma criança paralítica vêm a saber que uma delicada operação cirúrgica lhe corrigirá o problema. Não farão eles qualquer sacrifício para permitir que o seu pequeno funcione normalmente? Que injustiça horrível não seria permitir que um pequeno sofresse um defeito físico quando tal poderia ser eliminado!

Que espécie de Deus seria o nosso Pai celeste se no Seu plano de salvação Ele perfizesse algo *para* os homens, mas nada fizesse *neles*? Quando o Espírito Santo atrai uma pessoa para Cristo, a carga primária é a culpa e a alegria primária é a alegria do perdão. Nada iguala perfeitamente esta experiência. Mas logo a seguir vem a carga das inclinações e desejos pecaminosos e a alegria de os vencer. Ora, se Deus perdoa e justifica uma pessoa, mas deixa-a a chafurdar na lama da sensualidade, temperamento violento, orgulho, egoísmo, e imoralidade, não estaria Ele negando o Seu próprio carácter de amor e perfeição? O amor de Deus impede-O de permitir que os Seus filhos vivam numa condição de paralisia quando Ele pode corrigir os nossos defeitos. E Ele o fará se nós Lho permitirmos. Devemos compreender que Deus não está empenhado em estabelecer memoriais vivos de mediocridade! Pelo contrário. Deus está empenhado na recriação, isto é, na tarefa de criar o homem novo (Ver II Cor. 5:21). A palavra grega *evangelho* significa contar as boas novas, anunciar as alegres notícias. O que são as boas novas? O que são as alegres notícias? São a maravilhosa verdade de que Jesus, o Filho de Deus, veio ao nosso planeta como bebé, andou entre os homens como homem, ensinou, curou, mudou as vidas de homens, sofreu, morreu, ressuscitou, e agora continua este mesmo trabalho no Céu como nosso Sumo Sacerdote. Ele está *agora* perdoando pecados, dispensando os Seus benefícios curativos como Sumo Sacerdote a todos aqueles que permitem ser atraídos para Ele mediante o Espírito Santo. Por conseguinte, o evangelho, como um automóvel, é um todo maravilhoso, o qual quando recebido não somente muda a nossa relação com Deus mas muda também as nossas atitudes e acções para com Deus e os nossos semelhantes.

Alguns podem desejar distinguir entre o evangelho e a mudança operada por recebermos o evangelho, chamando esta mudança o *fruto* do evangelho. Tais distinções podem parecer boas segundo o ponto de vista teórico, mas o ponto importante é que na nossa experiência nunca podemos separar o que Deus faz *por* nós daquilo que Ele faz *em* nós! Estas

duas coisas andam juntas tal como uma porta e os seus gonzos. A santificação, os gonzos, não é a porta. Mas ambos são parte da «casa» evangelho. Qualquer coisa menos do que isto torna-se um falso sistema de salvação e parte do sistema marca da besta. Satanás sente-se tão contente quando indivíduos pensam que a vida eterna pode ser adquirida sem a experiência do novo nascimento, como quando outros pensam que a podem comprar, trabalhando noite e dia, com o dinheiro das obras! Cada extremo é igualmente falso e desastroso.

Posso acrescentar um ponto mais da minha própria experiência? Eu sinto-me constantemente cónscio das minhas faltas, imperfeições, fraquezas, erros e pecados. Quão deprimido e desencorajado me sentiria se crese que a certeza da minha salvação dependesse das minhas realizações. O desespero vencer-me-ia, e no passado, antes de ter tido um conhecimento mais profundo de como Deus salva, isso ter-me-ia vencido. Todavia, ao mesmo tempo em que já não mais olho para mim para assegurar a minha salvação, sinto-me também cónscio da minha responsabilidade para com Deus. «A responsabilidade» envolve a ideia de responder a qualquer situação surgida. No caso da salvação, a minha «resposta» ao que Cristo fez *por* mim é permitir-lhe que faça algo *em* mim. Quando eu digo «permitir», quero dizer que estou ansioso — tenho de facto uma ansiedade indescritível — que Deus mude o meu interior. Assim, estou muito cónscio da mudança que Deus operou, e está operando, em mim.

Cada cristão deveria ter esta experiência. Paulo sabia certamente que algo acontecera *nEle* (assim como *a* ele) na estrada de Damasco. Ele caiu ao chão como um pecador perdido (o seu nome era então Saulo), e embora tivesse ficado temporariamente cego pela luz do céu, levantou-se como um homem nascido de novo! (Lede por favor esta impressionante história em Actos 9:1-22). Paulo tornou-se uma arma poderosa nas mãos de Deus e viveu uma vida santificada. Todavia, nos seus últimos anos, pouco antes do seu martírio, escreveu uma carta ao jovem Timóteo na qual disse: «Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar pecadores, dos quais eu sou o principal». (I Tim. 1:15). Paulo não disse: «Eu fui o primeiro e principal dos pecadores», mas «eu sou». Em Efésios 3:8 o mesmo Paulo declarou de si mesmo ser «o mínimo de todos os santos». Isto não era para troçar da humildade dos grandes apóstolos, mas sim uma expressão verdadeira dos seus sentimentos — sentimentos que são comuns a cada verdadeiro cristão.

A experiência que acabo de descrever numa pessoa que se torna cristã é um paradoxo. É uma experiência que é quase impossível de descrever. Por exemplo, quanto mais olho para Jesus e compreendo o que Ele fez, e está fazendo, para me salvar, mais semelhante a Ele me torno. E quanto mais semelhante a Jesus me tornar, melhor vejo a minha própria pecaminosidade e sinto a minha própria indignidade. Quanto mais avançar na vida cristã através do processo da santificação, mais consciente me torno da necessidade de avançar. Assim, paradoxal-

mente, o golfo entre a minha profissão de fé e a minha vida prática alargar-se-á cada vez mais ao se aprofundar o meu relacionamento com o meu Salvador. Mas há pelo menos duas razões pelas quais não desisto nesta situação de potencial desencorajamento. Primeiro, acima de tudo o mais, eu sei que a minha salvação depende somente de Cristo, não de mim. Quando o meu Senhor retornar e eu ouvir as palavras «Bem está», pensais que eu alguma vez me sinta *merecedor* de ouvir aquelas palavras? Pensais que aquelas palavras me farão sentir que tenho o *direito* de entrar no Seu reino eterno?

Nunca! Através da eternidade nunca, nunca cessarei de O louvar pela Sua salvação. A única razão de eu alguma vez estar no céu é Jesus. As minhas obras nunca me colocarão lá — nunca!

A segunda razão porque não estou desencorajado deve-se ao facto de estar consciente de que embora os meus defeitos sejam dolorosamente evidentes, Deus *deu-me* um novo coração, e pela Sua graça *estou* progredindo na vida cristã, embora esse progresso seja sempre tão lento. Assim há uma confirmação interior de que estou crescendo, ainda que lentamente, na direcção certa. Na minha experiência, chamo justificação ao factor confiança e santificação ao factor confirmação.

Agora permiti-me abordar outro ponto que necessita de cuidadosa consideração. É a nossa obediência à vontade de Deus (como alguns afirmam) composta em parte pelos nossos esforços e em parte pelos de Deus? Não! Tal não é o caso! Deus deve receber todo o crédito por todas as fases da salvação — passada, presente e futura.

«Mas nós devemos cooperar com Deus no processo da santificação», insistem alguns. Certamente a santificação requer a nossa cooperação, mas também requer a nossa cooperação o sermos justificados — e essa cooperação é chamada crer. Crer e aceitar pela fé que Deus me justifica não difere de modo nenhum de crer e aceitar pela fé que Deus me santifica. Isto é um ponto-chave na compreensão da vitória sobre o pecado. Nunca consegui, na minha própria experiência, distinguir entre a qualidade de fé que aceita a dádiva de Deus da justificação e a qualidade de fé que aceita a dádiva de Deus da santificação. Requer uma enorme quantidade da dádiva da fé crer que Deus me justifica e me declara justo quando as minhas emoções faltosas lutam loucamente para me dizerem que tenho de fazer ou dar algo para ganhar o favor de Deus. Essas mesmas emoções também me falam bem alto que Deus não me pode chamar justo quando sou tão mau! Mas a fé, e fé somente, deve erguer-se acima destes sentimentos para se apoderar da magnificente verdade de que Deus me justifica de verdade, somente pela fé, mediante a graça de Jesus Cristo.

Semelhantemente, também requer uma enorme quantidade do dom da fé para crer diariamente que Deus pode e me dará a vitória sobre toda a má acção — mesmo pensamentos maus! Há sempre a tendência emocional de sentir que posso vencer seja o que for se eu me esforçar bastante ou pelo menos mediante o confiar numa combinação da Sua ajuda

e do meu esforço. Há também a tendência, por vezes, em crer que eu sou o que sou e que não posso mudar. Deus deve tomar-me como sou, se quiser. Mas, devemos recordar sempre a pergunta de Paulo: «Que tens tu que não tenhas recebido?». (I Cor. 4:7).

A salvação — tanto a justificação como a santificação — é toda de Deus. Criámo-nos nós mesmos? Até a capacidade para pensar — uma acção do cérebro — é uma dádiva de Deus. As consequências da justificação são a santificação, mas ambas são recebidas e experimentadas somente pela fé em Cristo.

Deus não está apenas interessado em nos *justificar*; Ele deseja *mudar-nos*. Um pai pode perdoar um filho em falta, mas o objectivo final e a esperança do pai é ver uma mudança no filho, tanto para a própria felicidade do filho, como para a alegria do filho. A história do filho pródigo terminou em felicidade e alegria porque ele voltou em submissão para a vontade do pai. Mas o desejo e força para regressar foi-lhe dado como uma dádiva de Deus. A única parte do filho pródigo no processo do regresso foi crer que o seu pai o aceitaria, não na base das suas próprias realizações, incluindo mesmo a de voltar para casa, mas sim na base do amor do pai. Que tragédia se a história tivesse terminado com o filho pródigo decidindo que devido à sua decisão e esforço em voltar para casa ele merecia ser recebido, bem-vindo e perdoado.

O anjo anunciou a José que Maria haveria de dar à luz um filho cujo nome seria Jesus «porque Ele salvará o Seu povo *dos* seus pecados» (Mat. 1:21, itálico nosso), não para salvar o Seu povo *nos* seus pecados.

Crer que a santificação é uma combinação do nosso esforço com a graça de Deus, enquanto que a justificação é somente pela fé, conduz inevitavelmente ao estado deplorável do orgulho. Se *virmos* a santificação como resultado em parte do *nosso* esforço, cada evidência de crescimento em Cristo tornar-se-á causa para darmos crédito a nós mesmos. Pode-nos parecer exteriormente que estamos avançando, mas interiormente estamos regredindo. É o conflito dos séculos entre o que eu posso fazer e o que Deus pode fazer. É o conflito dos séculos entre o tomar crédito para o eu e dar a Deus o crédito por tudo.

O apóstolo Paulo assegura-nos que «é Deus quem opera em vós tanto o querer como o efectuar segundo o Seu beneplácito» (Fil. 2:13). O tema da canção de todo o indivíduo que finalmente estiver perante Deus na eternidade será a dos vinte e quatro anciãos de Apocalipse que «se prostravam diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade são e foram criadas.» «Porque foste morto, e com o Teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação.» (Apoc. 4:10-11; 5:9).

Quão grande é o nosso Senhor!

DOIS CAMINHOS

Na estrada da vida
Encontrei dois caminhos!
Um!...É largo, muito belo!
Tem lindas flores!
Bancos onde se senta o amor!
Grinaldas de rosas suspensas
O céu azul, e o Sol dourado!
Mas!...

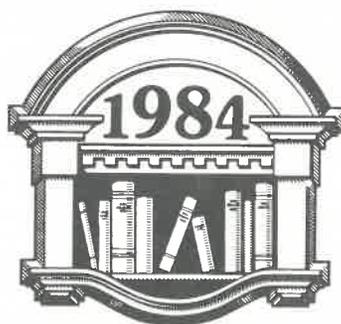
Olhando ao longe!
Onde meus olhos,
mal podem alcançar
Vejo, qualquer coisa,
Que me faz sentir mal!...
Uma escuridão, terrível e mortal!
O Outro!...

É íngreme, com altos e baixos
o Sol não brilha, o céu é baço!
Em lágrimas de chumbo
pesada chuva vai caindo,
nada tem que nos atraia
Mas!...

Olhando ao longe!
Onde os meus olhos,
mal podem alcançar
Vejo! uma luz a brilhar!
Sinto em meu coração
Alguém por mim a chamar!
Em meus fracos passos,
Começo a subir,
O íngreme caminho,
Já não vejo altos, nem baixos!
Não sinto a dor, nem cansaço,
Nem o céu está baço
E uma luz radiosa
Enche minh'alma!...
Porque no fim do caminho,
Meu Jesus!...

Sei que te vou encontrar!...

Carmen Sala



MEDITAÇÕES MATINAIS/84

Comece o dia com Deus. Procure saber o que Deus reserva cada dia para si e qual o caminho que deve trilhar. Enriqueça a sua vida espiritual entregando-se cada manhã aos cuidados do Senhor através da oração e da leitura das **Meditações Matinais**.

O Dedo de Deus Escreveu Liberdade

Será que a lei dos dez mandamentos é negativa e legalista? Será que restringe a liberdade do homem?

Este conceito pode ser convincente se a pessoa não compreender a verdadeira natureza de lei de Deus e a verdade espiritual de que ela só pode ser obedecida em Liberdade.

Leia e divulgue este livro.

